

Banhos Salinos Quentes de Sines

Hugo Falcão de Lima

Universidade Autónoma de Lisboa
Departamento de Arquitectura

Mestrado em Arquitectura

Hugo Henrique de Oliveira Constantino Falcão de Lima

Orientadores:

Arq. Francisco Aires Mateus
Prof. Doutor Arq. Joaquim Moreno

Fevereiro de 2018



Texto redigido segundo o antigo acordo ortográfico

Aos meus pais, pela oportunidade e apoio incondicional.

À Teresa, pela paciência.

Aos meus amigos, pelo apoio e partilha durante todo o percurso.

Aos professores, Francisco Aires Mateus e Joaquim Moreno.

Abstract

PT

A presente dissertação apresenta-se como resultado de uma investigação durante o último ano, sobre a cidade de Sines. Este processo teve início com uma primeira abordagem à cidade, analisando o território e o contexto actual deste lugar.

Desta primeira abordagem, surge por um lado, o interesse e necessidade de reactivar um equipamento público que desapareceu, os Banhos Salinos Quentes, e por outro a reabilitação de um lugar que hoje perdeu a sua função, os antigos armazéns de pesca da Ribeira de Sines - Calheta.

O equipamento dos Banhos Salinos Quentes, existiu primeiramente na praia Vasco da Gama, mas após a grande tempestade de 1941, foi destruído, o que ditou o seu desaparecimento. Depois de uma investigação sobre os Banhos Salinos Quentes, percebe-se que o desaparecimento deste equipamento coincide com o declínio do uso deste tipo de equipamentos que eram bastante vulgares e concorridos no início do séc. XX.

Posto isto, é intenção deste trabalho, aliado à memória deste lugar da cidade, trazer de novo a Sines, os Banhos Salinos Quentes. Para a sua implantação, surge a antiga Ribeira de Sines, mais precisamente os antigos armazéns de pesca que ali existem, e que hoje perderam também a sua função.

EN

The present dissertation is presented as a result of an investigation during the last year, about the city of Sines. The process began with a first approach to the city, scanning the territory and the current context of this place.

From this first approach, there was an interest and need to reactivate a public equipment that has disappeared, the Hot Saline Baths. On the other hand the rehabilitation of a place that has now lost its function, the old fishing warehouses of Ribeira de Sines - Calheta.

The facility of the Hot Saline Baths, existed first in Vasco da Gama beach, but after the great storm of 1941 was destroyed, which dictated its disappearance. After an investigation about this facility, it is perceived that the disappearance of this equipment coincides with the decline of the use of this type of structures that were quite common and with a regular use by the society in the beginning of the XX century.

In this regard, it is the intention of this work, together with the memory of the intervened place, to bring back to Sines, the Hot Saline Baths. For its implantation, the old Ribeira de Sines fishing warehouses, that today lost their function.

ÍNDICE GERAL

07	Abstract
09	Índice
	Parte I
	Introdução
12	<i>Salutem per aqua</i>
13	Água enquanto elemento de terapia
	O Banho
15	Ablução vs Regeneração
31	O banho partilhado
	O exemplo romano
35	Termas de Caracala
	O exemplo islâmico
39	Hamammi Çemberlitas
	O exemplo japonês
43	Horai Onsen
	O exemplo contemporâneo
47	Termas de Vals
51	Conclusão

Parte II

	Contexto
57	Evolução Urbana
61	Memória dos Antigos Banhos Salinos Quentes de Sines
	Implantação
63	A antiga Ribeira de Sines - Calheta
	Intervenção
74	Memória Descritiva
75	Projecto
86	Referências Bibliográficas
87	Índice de Imagens

PARTE I

Salutem per Aquam

Ao longo do tempo desenvolveram-se diferentes rituais e diferentes formas de ter contacto com a água. Por isso a história do banho é muito diversificada ao longo da evolução humana e das diferentes civilizações.

Apesar das diferenças civilizacionais há muitos aspectos transversais e comuns associados ao elemento água e ao ritual do banho: espiritualidade, higiene, regeneração total, terapêutica, ou acto social.

Os banhos reflectem a concepção de saúde de cada povo. Os banhos, como nós os entendemos hoje na civilização ocidental, são como que uma evolução e um melhoramento da ideia de banho ao longo da história.

A cultura do banho foi-se modificando ao longo do tempo. Hoje é uma experiência mais passiva, muitas vezes íntima e associada a higiene. Na antiguidade o banho era um acto que, para além de regeneração física e espiritual, tinha um contexto de lazer e uma função de convívio social muito relevante. Era no banho que as pessoas se encontravam, socializavam e até discutiam política. Além disso a experiência do banho era uma experiência não apenas física e espiritual, mas também sensorial apelando ao olfacto pelos diferentes cheiros e aromas, ao tacto associado aos diferentes materiais e ao ouvido através do estímulo dos diferentes sons, etc.

A cultura termal Europeia foi influenciada ao longo dos séculos pelas experiências de diferentes civilizações, onde cada uma delas partilha uma herança na forma de utilização e de ligação com a água. Essas diferentes influências civilizacionais têm origens, por exemplo, na Antiguidade Clássica, nos Gregos e Romanos, na civilização Islâmica, ou no Oriente com os costumes Japoneses.

Os aspetos sociais dos banhos públicos são completamente divergentes hoje, do que eram no passado, quando a cultura do banho público era mais popular. Por exemplo, os Romanos, usavam os banhos públicos enquanto áreas para socializar, para interagir com os outros e para enriquecer o seu desenvolvimento pessoal e social. Alguns países europeus ainda hoje continuam a ter presente na sua cultura o banho e a sauna, enquanto acto social (caso da Finlândia ou da Hungria). Mas, apesar destes casos, há uma oportunidade para repensar e reintroduzir o hábito dos banhos públicos, adaptando as necessidades da vida urbana contemporânea, em contraponto com a tendência actual no que diz respeito a este tema.

O acto de tomar banho não requer nenhum tipo de equipamento específico, em contraponto com vários desportos e actividades lúdicas. Não requer também, um padrão educacional ou social específico. Mais importante que isso, o banho cria um equilíbrio social. Quando um indivíduo se despe das suas roupas, fica “vestido” da mesma maneira que todos os outros utilizadores do mesmo espaço. O banho, enquanto actividade, cria uma uniformidade social e um “anonimato” social que outras actividades humanas não conseguem. O facto de todas as pessoas se despirem “das suas vestes e dos seus uniformes” faz com que se regularizem e equilibrem as diferenças sociais.

Água enquanto elemento de terapia

O século XX é considerado o “século de ouro” do termalismo que explorou abundantemente os benefícios das águas termais conhecidos desde a antiguidade. A utilização da água como elemento de terapia pode ser de diversos tipos. Destacamos os mais relevantes:

- Hidroterapia: consiste no tratamento através da utilização de água (a temperaturas variáveis) para imersão conjuntamente com técnicas específicas de Fisioterapia.
- Crenoterapia: têm como agente terapêuticos as águas minerais e consiste no uso externo ou interno destas águas provenientes de fontes termais. São utilizadas para prevenir e reabilitar diferentes tipos de patologias.
- Talassoterapia: utiliza os benefícios da água do mar, do ar marinho e de substâncias extraídas do mar (como algas, lamas marinhas e areia) para prevenção e tratamento de doenças respiratórias e bem-estar.
- Termalismo: inclui um conjunto de meios medicinais, sociais, sanitários e de acolhimento, com utilização de água termais para fins terapêuticos.
- Crioterapia: consiste na redução da temperatura corporal, levando à redução do fluxo sanguíneo e consequentemente à diminuição da taxa metabólica, provocando diminuição de edemas e redução de inflamações.



fig. 1 - A favourite custom - Sir Lawrence alma-tadema 1909

O Banho

Ablução vs Regeneração

Antiguidade Clássica

O banho e os seus propósitos tiveram significados diferentes ao longo da história. O modo de encarar a vida social de cada povo foi desde sempre um factor decisivo para o modo como os banhos eram vistos por cada sociedade. Independentemente das diferentes abordagens a este tema, o banho esteve sempre relacionado com o cuidado do corpo. Alguns povos viam o banho como um meio para a regeneração total, enquanto outros povos viam um meio para a limpeza externa e física. O papel do banho reflectiu também a atitude cultural de cada povo em relação ao bem-estar e ao relaxamento. É a medida para saber o quão importante era o bem-estar individual, como parte indispensável da vida social.¹

Na antiguidade clássica, para os gregos, o *gymnasium*² era um lugar onde o culto do corpo, em paralelo com o enriquecimento cultural, tinham um lugar fulcral na sociedade. Para a civilização grega, os banhos representavam a disciplina, o exercício físico e a cultura intelectual. A ida aos banhos tinha como início o exercício físico, seguido do ensino intelectual. “*Encontra-se na divisão entre as horas de grande esforço físico e o discurso contemplativo. Nenhum outro período relacionou tão organicamente o banho com a ideia de regeneração humana.*”³

Os Romanos, por seu turno, adoptam o modelo Grego do *gymnasium* mas tecnicamente mais evoluído. Aliás a própria escala dos complexos de banhos Romanos é significativamente maior. Com o apogeu do império Romano, as termas passam a ser uma instituição fulcral na sua vida social. Era nas termas, que se encontravam as mais importantes figuras da cultura, do pensamento, ou até da arquitectura Romana. Apesar das semelhanças que se encontram em relação aos banhos Gregos, existem algumas diferenças na função que estes tinham para os Romanos. A parte que se destinava ao exercício físico mantém-se, mas o lugar destinado ao ensino desaparece e dá agora lugar a local de repouso e contemplação. A invenção sociológica deste tempo, consistiu na mudança de um lugar que era de regeneração para um centro de actividade social. “*A invenção sociológica reside no facto deste sítio, de regeneração, ter sido transformado num espaço social.*”⁴

O propósito principal para os Romanos era que existisse uma instituição que facilitasse a regeneração diária, sendo necessário, para esta civilização, repetir o ciclo de regeneração e equilíbrio do corpo a cada vinte e quatro horas. “*Intimamente ligada ao conceito de termas, existe a ideia de que uma instituição deste tipo é necessária na vida pública para ajudar a restaurar o equilíbrio do corpo a cada vinte e quatro horas.*”⁵

¹ Siegfried Gideon – Mechanization takes command (New York, 1948) pág. 628

² termo que os gregos usavam para os banhos públicos

³ idem pág. 630 - “*It lies on the divide between the hours of strong physical effort and of contemplative discourse. No other period more organically fused the bath into human regeneration.*” Tradução do autor

⁴ idem pág. 633 – “*The sociological invention lies in having made the place set aside for regeneration into a social center. The Romans spent a great part of their leisure in the thermae (...).*” Tradução do autor

⁵ idem pág. 634 – “*Behind the thermae lay the insight that an institution is needed in public life to help restore the body’s equilibrium once within its twenty-four-hour cycle.*” Tradução do autor



fig. 2 - No caldarium - Pedro Weingärtner. 1900



fig. 3 - La grande piscine à Brusa - Jean-Léon Gérôme 1885



fig. 4 - Sultan's Bath - Autor desconhecido
Bernard Rudofsky - Now I lay me down to eat (1980)

A regeneração Islâmica

Além dos exemplos dados pela Antiguidade Clássica devemos também analisar o exemplo dos banhos islâmicos. Os hammams adoptam algumas características dos seus antecessores. Apesar disso, existem várias mudanças, quer nos espaços e as suas funções, quer no próprio processo do banho. A exedra grega e as suas funções de exercício físico desaparecem e o espaço dado à aprendizagem intelectual também. Nesta época, o utilizador deste espaço passa de um utilizador activo, com exercício físico, para um tipo de utilização mais passiva, de repouso. Aqui, em vez do exercício passa a haver lugar para uma utilização mais de relaxamento que antes. Eram feitas massagens e havia ainda um funcionário que lavava o corpo de quem utilizasse o banho, com um balde de espuma e uma esponja. *“Aqui o banho passa a ser passivo, de repouso como no Oriente, em contraponto com o banho da Antiguidade Clássica, bastante activo.(...) Camas de descanso são postas no lugar da exedra Grega.”*⁶

Aqui, o espaço mais quente dos banhos, toma uma importância central, o qual em Roma nunca teve a importância do tepidarium. Antes o espaço mais quente das thermae romanas, era uma sala com um ar quente e seco, nos hammams este espaço passa a ser quente, mas com vapor de água, onde no centro existia muitas vezes uma piscina.

Comparando com as termas Romanas, estes edifícios tinham uma escala muito reduzida. Aqui existia uma atmosfera de intimidade, que mesmo ao longo da evolução dos hammams se manteve. *“O espírito dominante é de intimidade, uma atmosfera que não se perdeu mesmo quando os banhos Islâmicos cresceram em escala.”*⁷

Postas de parte as suas funções ligadas ao intelecto e ao atletismo, para os Islâmicos o tema da regeneração esteve sempre ligado à religião. Por este facto, o hammam sempre foi visto como complemento da mesquita. Por estar fundamentalmente ligado à religião, os hammams eram abertos a todos, por ser considerado um acto fundamental na sua crença. *“Este costume era conscientemente observado no final do século dezanove, por ser um acto gratuito, este era também um acto religioso.”*⁸

Por volta de 1850 assiste-se ao declínio dos hammams, fortemente ligado à mecanização do banho, apesar de nesta época ainda serem raros os casos de habitações privadas que dispusessem de casa-de-banho.

*“Cerca de 1850, o declínio sob a influência Ocidental podia ser antevisto, apesar disso ainda não existiam banhos nas casas privadas. Aparentemente estava finalmente condenado quando a mecanização do banho chegou ao Oriente.”*⁹

A partir daqui estes locais passam a ser frequentados na sua maioria apenas pelos mais pobres, que não dispunham destas facilidades nas suas habitações, e com isto, assiste-se à consequente degradação dos hammams.

⁶ Siegfried Gideon – Mechanization takes command (New York, 1948) pág.637 -” Here the active bather of the classical world yields to the passive repose of the oriental. (...) Rest beds enter in the place of the Greek exedra.” Tradução do autor

⁷ idem pág.642 - “The dominant mood is undeniably one of intimacy, an atmosphere that was not lost even when, as time went on, the Islamic bath grew in scale.” Tradução do autor

⁸ idem pág.643 - “This custom was conscientiously observed to the end of the nineteenth century, for the gratuity given to bath attendants was considered a religious deed.” Tradução do autor

⁹ idem pág.644 - “Around 1850, its decline under de Western influence could be foreseen, although there were as yet no bathrooms in the apartments. It seems to have been finally doomed when mechanized bath began to penetrate de Oriental world.” Tradução do autor



fig. 5 - Le Bain Turc - Jean Auguste Dominique Ingres. 1862



fig. 6 - Califa Al-Ma'um e o barbeiro - Miniatura Persa 1548.



fig. 7 - Le Bain - da coleção de seis tapeçarias Holandesas, "La vie Seigneuriale".

A era Medieval

Durante a Idade Média, os costumes em relação à prática do banho alteram-se. Por um lado, a queda da influência da Antiguidade Clássica e por outro a Conquista Cristã do Sul da Europa, determinaram alterações nestes costumes ou pelo menos, nalguns casos, uma adaptação aos hábitos desta época. O banho islâmico, por estar intimamente ligado à religião, foi sempre rejeitado e nunca foi aceite. *“Esta alta cultura do banho, era um símbolo demasiado forte dos costumes Islâmicos para ser aceite.”*¹⁰

Sob a influência da Reforma e da Contra-Reforma¹¹, os hábitos da regeneração foram sendo abandonados ao longo deste período. Apesar do abandono dos antigos costumes, a banheira, enquanto elemento associado às práticas do banho, continuou a ser muito utilizada. Relatos desta época testemunham a importância deste costume na vida social. Muitas vezes estes relatos caem no aspecto erótico, um dos factores que leva os povos mais puritanos a afastar-se desta prática.

Um ponto em comum entre os costumes europeus nesta época e os costumes islâmicos, é a importância do contacto social associado à prática dos banhos. Era nos banhos que os homens se relacionavam e discutiam política. *“Nos banhos, os homens falavam de política como nas tabernas. Dizia-se que os banhos eram lugares onde conspirações eram combinadas durante a Reforma.”*¹²

Nesta época, o funcionário que antes existia nos banhos islâmicos passa agora a ser uma combinação entre um barbeiro e um cirurgião. Depois do banho, além de cortar o cabelo e a barba ainda era normal haver procedimentos médicos, tais como a sangria através de sanguessugas, ou pequenas cirurgias. *“Em vez do funcionário das massagens islâmicas existe uma combinação notável, o barbeiro-cirurgião. Após o banho esta pessoa cortava o cabelo, a barba, e fazia tratamentos e pequenas cirurgias.”*¹³

¹⁰ Siegfried Gideon – Mechanization takes command (New York, 1948) pág. 651 - *“This high culture of the bath, was too much a symbol of Moorish ways to be accepted.”*
Tradução do autor

¹¹ A Reforma foi um movimento reformista cristão do século XVI liderado por Lutero. O movimento de Lutero tornou-se conhecido como um protesto contra os abusos do clero, que depois se transforma numa proposta de reforma no catolicismo romano. Era para Lutero, como um retorno às origens sagradas. Com esta Reforma, que lutou contra as doutrinas e dogmas católicos, a Igreja Católica Romana convocou o Concílio de Trento (1545-1563), que resultou na Contra-Reforma Católica. A inquisição e a censura foram determinadas naquele momento, e foram determinantes para evitar que as ideias reformadoras de Lutero se divulgassem pelos países católicos Europeus.

¹² Idem pág. 652 - *“In the bath, the men talked politics as in taverns. The baths are also said to have been places where conspiracies were knotted during the Reformation.”*
Tradução do autor

¹³ idem pág. 653 - *“Instead of the Islamic massage expert came remarkable combination, the barber-surgeon. After the bath he would cut hair, shave beards, perform cupping, blood-letting, and minor operations.”* Tradução do autor

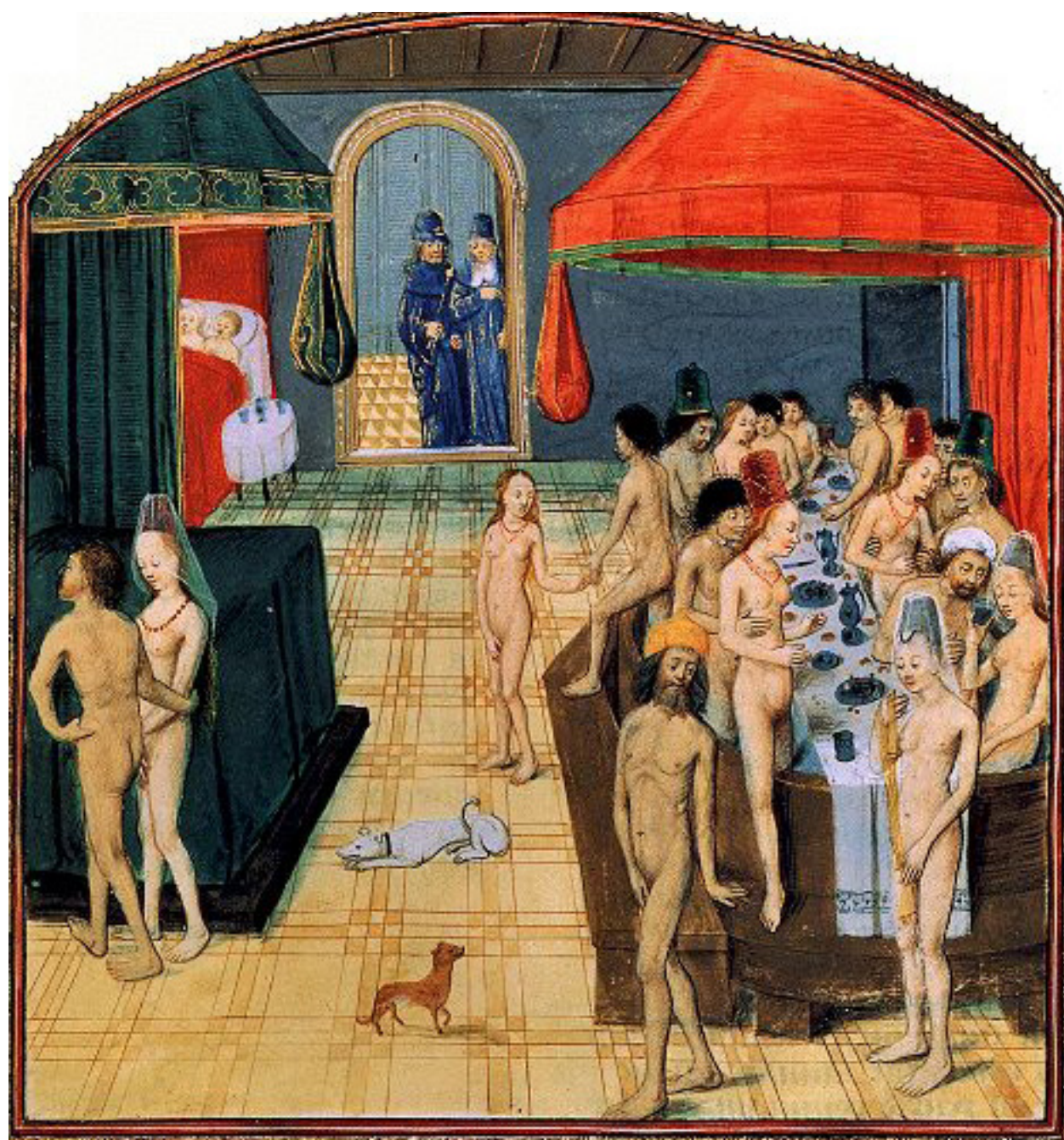


fig. 8 - O interior de uns banhos Góticos. Valerius Maximus. 1475-80.

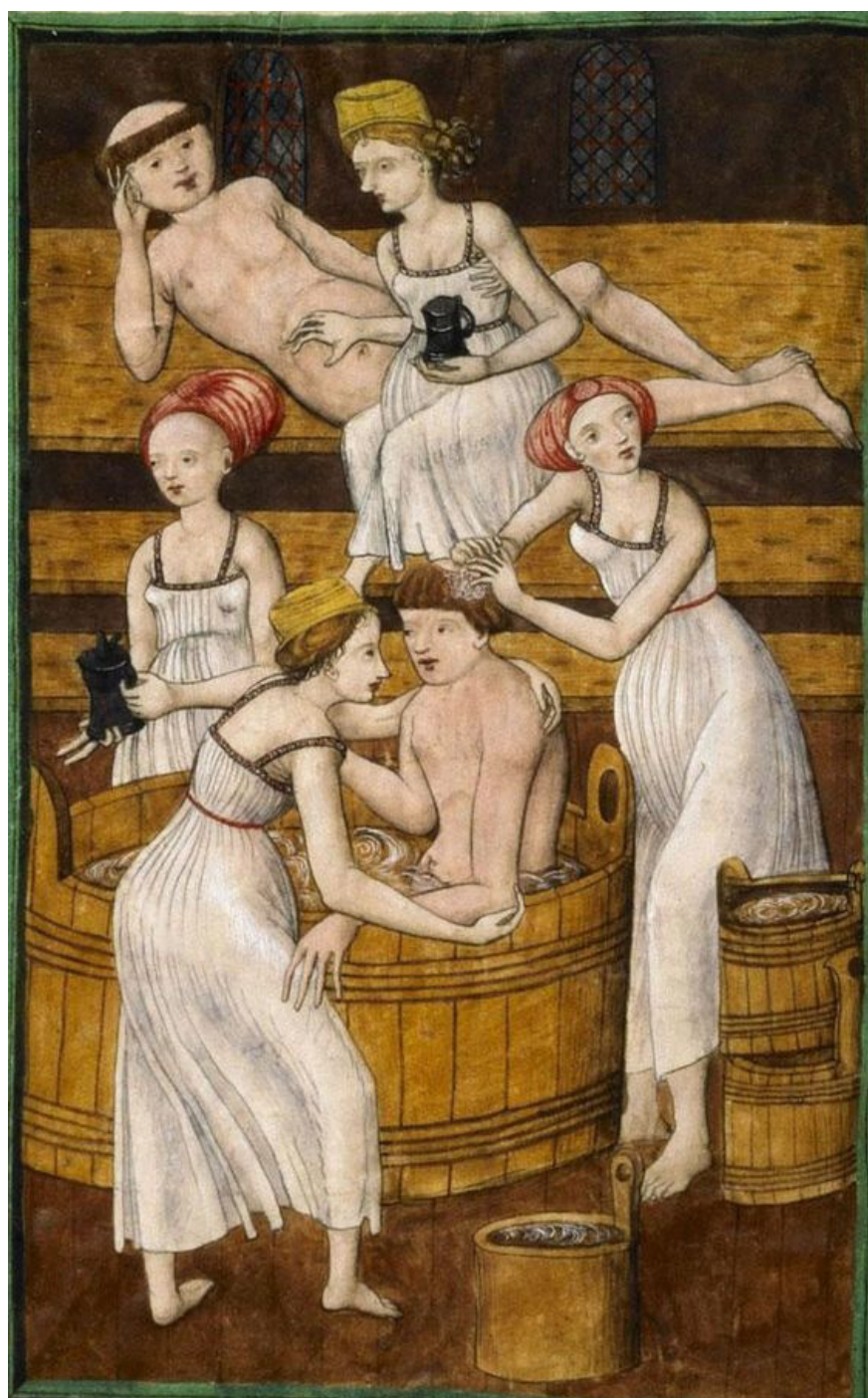


fig. 9 - Monks in the bath -Pintura em papel de pergaminho



fig. 10 - Bathing of Court Ladies in the 18th Century - François Flameng 1888

Os séculos XVII e XVIII

Todos os períodos históricos têm as suas contradições. Apesar da crescente importância dada ao espaço, ao ar-livre, à música erudita, e ao pensamento sistemático, nos séculos XVII e XVIII os cuidados com o corpo foram esquecidos uma vez que a noção de limpeza e de higiene não é valorizada pelas pessoas. *“Eles estavam familiarizados com o melhor da vida. Mas apesar disso não havia um mínimo cuidado com o corpo.”*¹⁴

A Reforma e a Contra-reforma olham para a nudez como pecado e rejeitam as práticas a ela associadas. *“O banho e o pecado eram o mesmo.”*¹⁵ A falta de sentido de limpeza no seu sentido mais abrangente, durante os séculos XVII e XVIII, é um fenómeno único na história. Ainda hoje há repercussões sociais desta época em que o corpo não era objecto de cuidados de higiene e a nudez era fortemente reprimida. A evolução foi lenta e só no século XVIII com o avançar da medicina e com a redescoberta da natureza e dos espaços ao ar livre e os benefícios que daí decorrem para a saúde, permitem uma reaproximação das pessoas aos cuidados com o seu corpo e com a sua higiene.

¹⁴ Siegfried Gideon – Mechanization takes command (New York 1948) pág.653 - *“They were acquainted with the refinements of living. But they stopped short in the matter of caring the vessel that holds all this: the body.”* Tradução do autor

¹⁵ Idem pág. 654 - “Bath and sin were one.” Tradução do autor



fig. 11 - Litografia

Bibliothèque des Arts Décoratifs. Paris. Coleção Maciet

Bernard Rudofsky - Now I lay me down to eat (1980)

O século XIX

Com o advento do século XIX o banho torna-se uma atividade mecanizada mas apenas associada a uma limpeza superficial do corpo. O banho tem como função limpar superficialmente o corpo da sujidade exterior por ablução, ou imersão na água a uma determinada temperatura. Nesta época a banheira é um símbolo central no acto de tomar banho. *“O tipo de banho que prevalece nos nossos dias é, como se disse, nada mais que uma versão mecanizada do tipo primitivo, que limpa superficialmente o corpo do exterior, por ablução ou imersão em água a uma certa temperatura.”*¹⁶

Na segunda metade do século XIX houve diversas tentativas para reintroduzir os banhos comunitários que para além da ablução externa fossem também uma regeneração completa. Banhos de vapor aliados a massagens de relaxamento e ginástica em detrimento do banho primitivo praticado nas habitações privadas.

Nesta época, os costumes associados aos banhos privados privilegiavam o duche em detrimento à banheira. O mesmo sucedia nos banhos públicos das classes mais desfavorecidas. *“Um grande passo na direcção da melhoria da habitação social seria feito se todas as casas fossem providas de equipamentos de banho. No presente, nem as melhores delas têm nenhum tipo de equipamento destes. A razão é (...) que as banheiras sem água quente raramente seriam usadas (...) Estou firmemente convencido que o chuveiro oferece muitas vantagens para estas casas (...) Não é necessário que cada habitação tenha uns banhos.”*¹⁷

Apesar dos esforços feitos, a procura da regeneração total neste período, estava destinada a falhar. Com a industrialização, a banheira, aliada a produção em massa prevaleceu como tipo de banho mais utilizado, prática que prevaleceu até aos nossos dias.

¹⁶ Siegfried Gideon – Mechanization takes command (New York 1948) pág.659 - *“The type of bath prevailing in our day is, as we have said, but a mechanized version of the primitive type, which superficially cleanses the body from the outside by ablution or immersion in water of a given temperature.”* Tradução do autor

¹⁷ William P. Gerhard - On Bathing and Different Forms of Baths (New York,1895) pág.23 - *“A great step forward in the improvement of tenement houses would be made if they were provided with bathing facilities. As at present constructed, even the best of them have absolutely no bathing facilities. The reason therefore is (...) that tubs without hot water would rarely be used (...) I am firmly convinced that the shower bath offers many advantages for the tenement houses (...) It is not necessary to provide each tenement with a bath.”* Tradução do autor

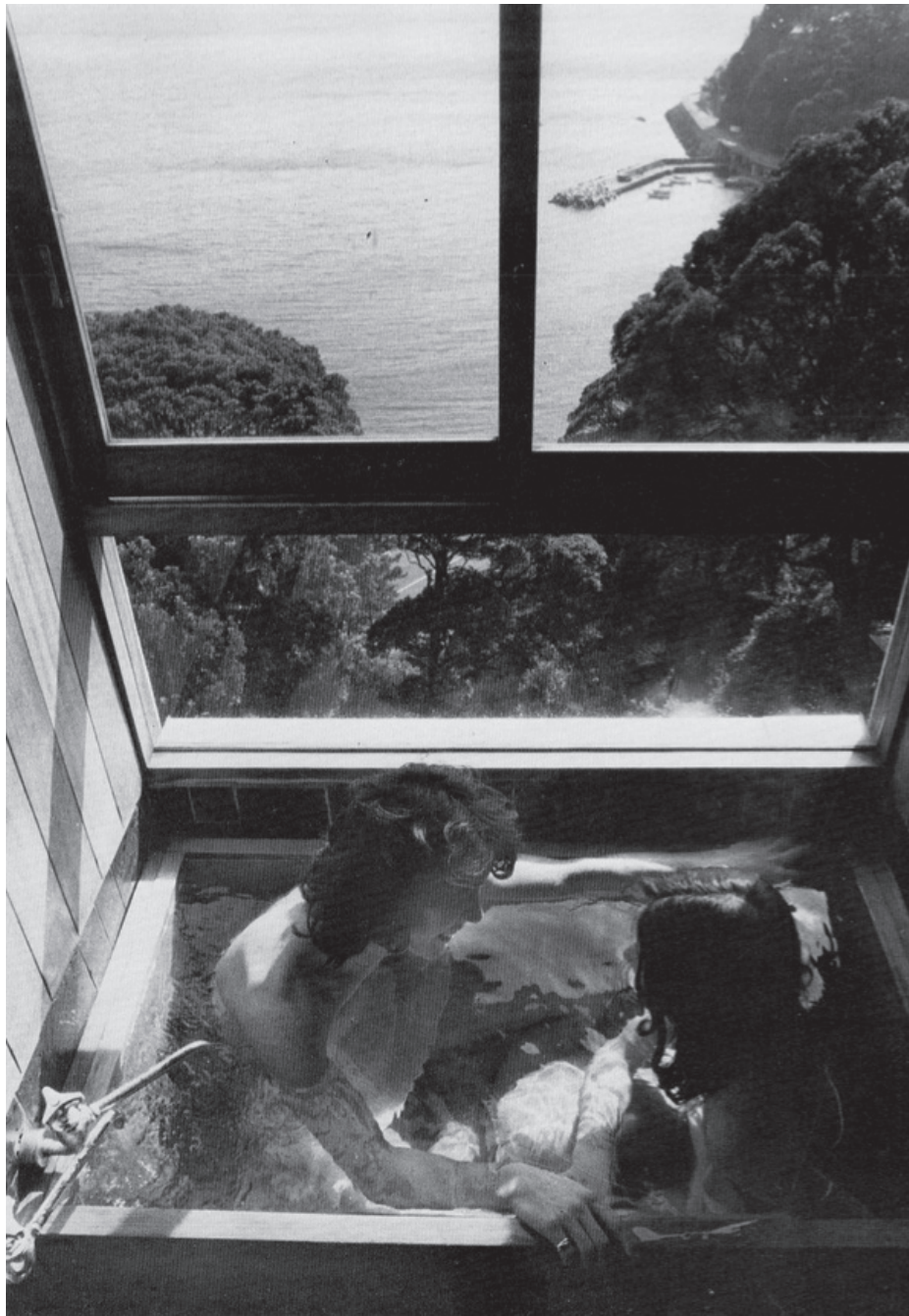


fig. 11 - Wooden tub for two - Fotografia - Dana Levi.
Bernard Rudofsky - Now I lay me down to eat (1980)

O banho partilhado

Na cultura ocidental generalizou-se a ideia de que o banho é uma acto íntimo, solitário e que ocorre num espaço confinado. No entanto, na Antiguidade Clássica era precisamente ao contrário. A cultura do banho não era de intimidade, mas sim um acto social e partilhado no espaço. Estes espaços faziam parte da vida social dos povos. Atentando ao caso dos Romanos, por exemplo, o local dos banhos públicos era, para além da sua função primária de banhos, utilizado para ler, ensinar, exercitar o corpo, mas também para socializar ou negociar.

Apesar da história nos demonstrar que o banho serviu como parte fundamental da vida social de outros povos, Rudofsky identifica um dos factores que fez com que a partir de um certo ponto na história os banhos partilhados fossem cada vez menos usuais. *“Uma nação que enfaticamente esqueceu a parte de baixo da anatomia humana, (...) que tradicionalmente identifica o banho como um confinamento solitário e que envia batalhões de missionários todos os anos para os quatro cantos da terra para vestir os nus e espalhar o credo da falsa vergonha (...).”*¹⁸

A crescente influência cristã acentuou o pudor da nudez e foi um dos factores que conduziu ao desaparecimento da prática dos banhos enquanto ritual de partilha do espaço e de relação social. Não obstante a cultura de pudor que a influência cristã instituiu nos povos ocidentais, as Cruzadas Cristãs contribuíram para uma adopção de novos hábitos.

De facto, e sobretudo na conquista cristã aos mouros do sudeste da Europa e dos Balcãs Turcos, onde ainda persistiam os hábitos dos banhos vindos do oriente e de cariz social e partilhado, os Cruzados sofreram a influência destas culturas que conquistaram e adoptaram estes hábitos e costumes. Outro exemplo é o dos monges, que não chegaram a abandonar por completo o hábito do banho. Estes, além de cultivarem o conhecimento literário, as artes figurativas ou a culinária, sempre cultivaram o banho que manteve a sua importância na vida monástica.

Em relação às actividades relacionadas com o banho, durante a idade média e no início do Iluminismo, os banquetes de casamento tinham muitas vezes lugar nos banhos, onde os convidados estariam emergidos até a cintura dentro de uma banheira grande, o suficiente para ser partilhada por todos. *“Banheiras suficientemente grandes para conter uma dúzia de pessoas e ainda sobrar espaço para uma mesa de jantar.”*¹⁹ À primeira vista e apesar de parecer descabido, Rudofsky lembra-nos que no passado o sacramento do casamento tinha semelhanças directas no contacto com água, com o sacramento do baptismo.²⁰ É interessante observar que, em 1746 Lady Montague descreve uma recepção de casamento num banho em Constantinopla que sublinha o costume de fazer estas festas em espaços de banho partilhados por todos. *“Todos os amigos, relacionados e conhecidos das duas famílias agora unidas, reúnem-se no banho; muitos outros vão por curiosidade, e eu acredito que naquele dia estavam lá duzentas mulheres.”*²¹

¹⁸ Rudofsky- Now I lay me down to eat. (New York,1980). pág. 124 - *“A nation that emphatically disowned the lower part of the human anatomy, (...) that traditionally identified the bath as solitary confinement and annually dispatched battalions of missionaries to the four corners of the earth to clothe the naked and spread the creed of false shame (...).”* Tradução do autor

¹⁹ Rudofsky - Now I lay me down to eat. (New York,1980). pág. 138 - *“Tubs big enough to hold a dozen people still left space for a dining board.”* Tradução do autor

²⁰ O sacramento do baptismo, começou por ser feito com a imersão do corpo total em água, mergulhando. Hoje em dia, simbolicamente, é derramada água sobre a cabeça da pessoa.

²¹ Mary Wortley Montague - Letters of the Right Honourable Lady (Aix,1746) - *“All the friends, relations and acquaintances of the two families newly allied, meet at the bagnio; several others go out of curiosity, and I believe there were that day two hundred women”* Tradução do autor



fig. 12 - The *hookah lighter* - Jean-Léon Gérôme 1898

A par destes hábitos e costumes, a vida social centrava-se nos banhos públicos, estabelecimentos que normalmente estariam abertos a todas as horas. Rudofsky vai mais longe e estabelece a comparação dos banhos desta época com a cultura das actuais discotecas. *“A sua função era comparável aos actuais clubes nocturnos, com a diferença que, quer no oriente ou no ocidente, os banhistas eram admitidos sem olhar à sua religião, raça ou status social.”*²²

A despudorada combinação entre o contacto com a água quente, com a nudez e na presença de pessoas dos dois géneros no mesmo espaço, fez com que nos países europeus mais conservadores, o banho partilhado ou público comesse a ter uma má reputação. Aliás, Rudofsky atesta este repúdio pelo banho partilhado uma vez que a própria língua inglesa passa a atribuir o significado de bordel à palavra italiana *“bagno”*. *“E nada expressa melhor esta interpretação do que a própria Língua. Bagno, a palavra italiana para banho, para nós significa bordel.”*²³

Concluindo, apesar de hoje a prática do banho partilhado ter vindo a perder preponderância nos hábitos dos povos, a sua função social continua a ter relevância e deve ser recuperada até porque, ao longo da história, sempre foi um espaço e um momento de relacionamento social.

²² Rudofsky - Now I lay me down to eat. (New York, 1980) pág. 138 - *“Their function was comparable to that of our clubs, with the difference that, in both Orient and Occident, bathers were admitted regardless of creed, race and social status.”* Tradução do autor

²³ idem pág. 147 - *“and nothing expresses this libelous interpretation better than the language itself. Bagno, the Italian word for bath, to us means brothel.”* Tradução do autor



fig. 13 - Ilustração termas de Caracalla - Autor Desconhecido

O exemplo Romano

Termas de Caracala

Um banho Romano comum continha, por norma, um vestiário (Apodyterium), uma sala com banhos tépidos (Tepidarium), uma sala com banhos quentes (Caldarium) e um espaço com banhos frios (Frigidarium). Normalmente estes espaços eram seguidos uns dos outros e sempre numa ordem bem definida.

Os Romanos acreditavam nos efeitos benéficos do contacto com o calor e com a água aquecida. Era, para eles, um elemento de cura de dores físicas, mas também de uma regeneração espiritual. Além destas razões, os banhos romanos eram também benéficos para o conforto e higiene, factores que estão na origem de muitos assentamentos Romanos construídos durante o séc. 3 AC e que continham pelo menos, um vestiário (Apodyterium) e um espaço de banho com água quente (Caldarium). Quanto à concepção, estes edifícios eram por norma espaços monumentais. Um exemplo desta monumentalidade, são os espaços do frigidarium, tepidarium e caldarium das termas de Caracala, construídas entre 200 e 220 AC. Estes espaços estavam posicionados no centro com espaços transversais cruzados. O caldarium tinha um espaço em cúpula de grande escala. Todos os espaços de banho estavam conectados entre si, mas estavam estrategicamente posicionados para garantir alguma privacidade entre os vários espaços.

As Termas de Caracala foram construídas no início do século III DC, durante o governo do imperador Marco Aurélio António, mais conhecido por imperador Caracala. Situadas em Roma, capital do império Romano, estas foram muito provavelmente projectadas ainda no decorrer do reinado de Septimius Severus, antecessor de Caracala. Este edifício é um dos exemplos mais completos desta tipologia termal e é sempre uma referência quando se fala dos hábitos e costumes termais Romanos.

Quanto à implantação, esta era constituída por um grande edifício central, com um jardim exterior a toda à volta. O edifício dos banhos encontrava-se no centro da implantação, enquanto as paredes circundantes eram onde se encontravam, além das cisternas de abastecimento, duas bibliotecas a Sul, duas bibliotecas a Este e Oeste, respectivamente e ainda lojas a Norte. Este complexo, era mais do que um simples edifício de banhos pois era um lugar onde também se exercitava o corpo, onde se estudava e, além disso, onde havia sempre uma forte interação social interpessoal.

A organização do edifício principal de banhos segue o eixo normal dos banhos Romanos, sendo implantado de Nordeste para Sudoeste de modo a aproveitar o máximo calor do Sol. O caldarium, situado a Sul, tinha uma forma circular e abobadada, tripartido entre sala de banhos em água quente, vapor e massagens. No mesmo eixo, encontrava-se depois o Tepidarium, com duas piscinas, para banho em água tépida, colocadas simetricamente em relação ao eixo do edifício. No lado Norte deste eixo encontrava-se o Frigidarium, uma sala para banhos frios, que preenchia toda a zona central. Seguindo para o extremo deste eixo, estava o Natatio, um lugar ao ar livre, com uma grande piscina com iluminação natural durante todo o dia, através da colocação de placas de bronze.

O interior era abundantemente decorado com esculturas, pinturas e aplicações em pedra mármore. Todo o complexo termal está elevado seis metros, o que permitiu todas as áreas técnicas estarem sob o edifício. A água, como em quase todos os exemplos de termas romanas, era aquecida pelo sistema de hipocausto.²⁴

²⁴ hipocausto - sistema de aquecimento utilizado na época Romana para aquecer os edifícios termais. Constituído por condutas de ar por baixo do pavimento e no interior das paredes.

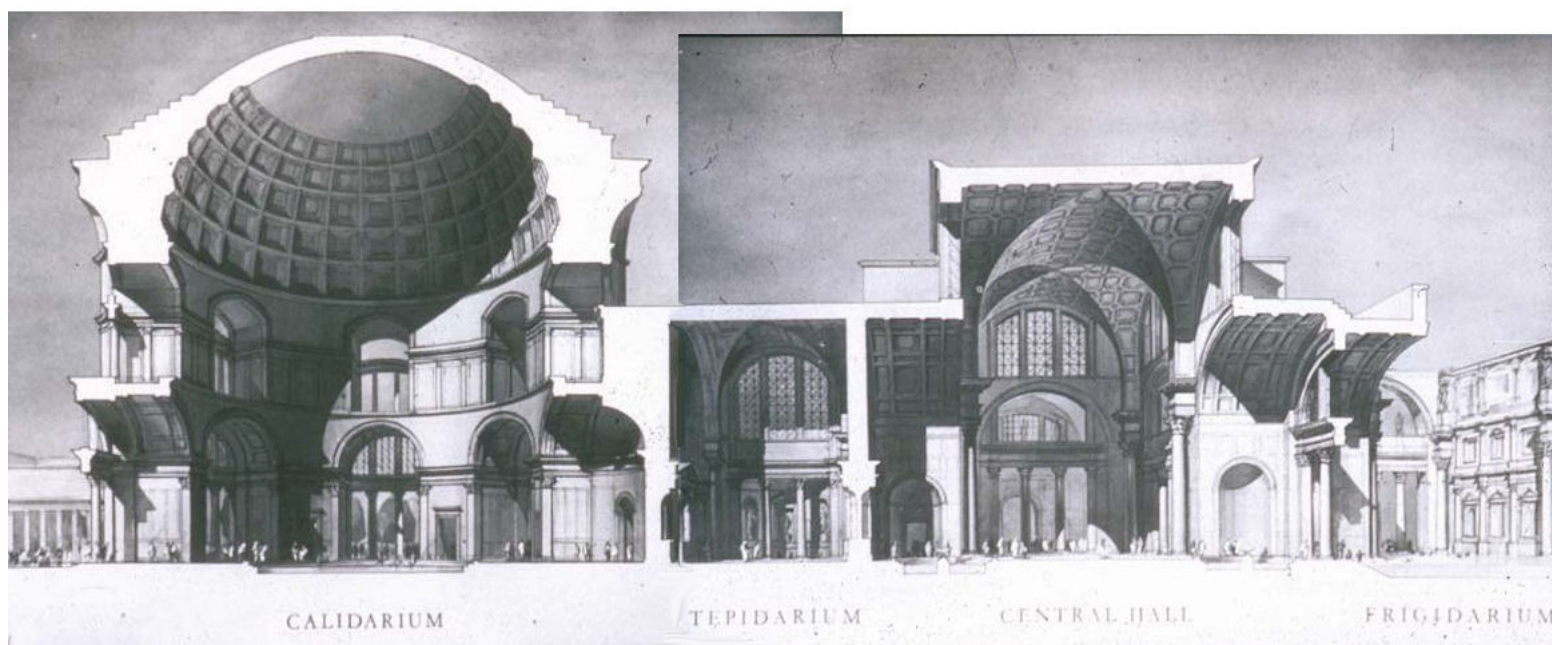


fig. 14 - Corte Transversal termas de Caracalla

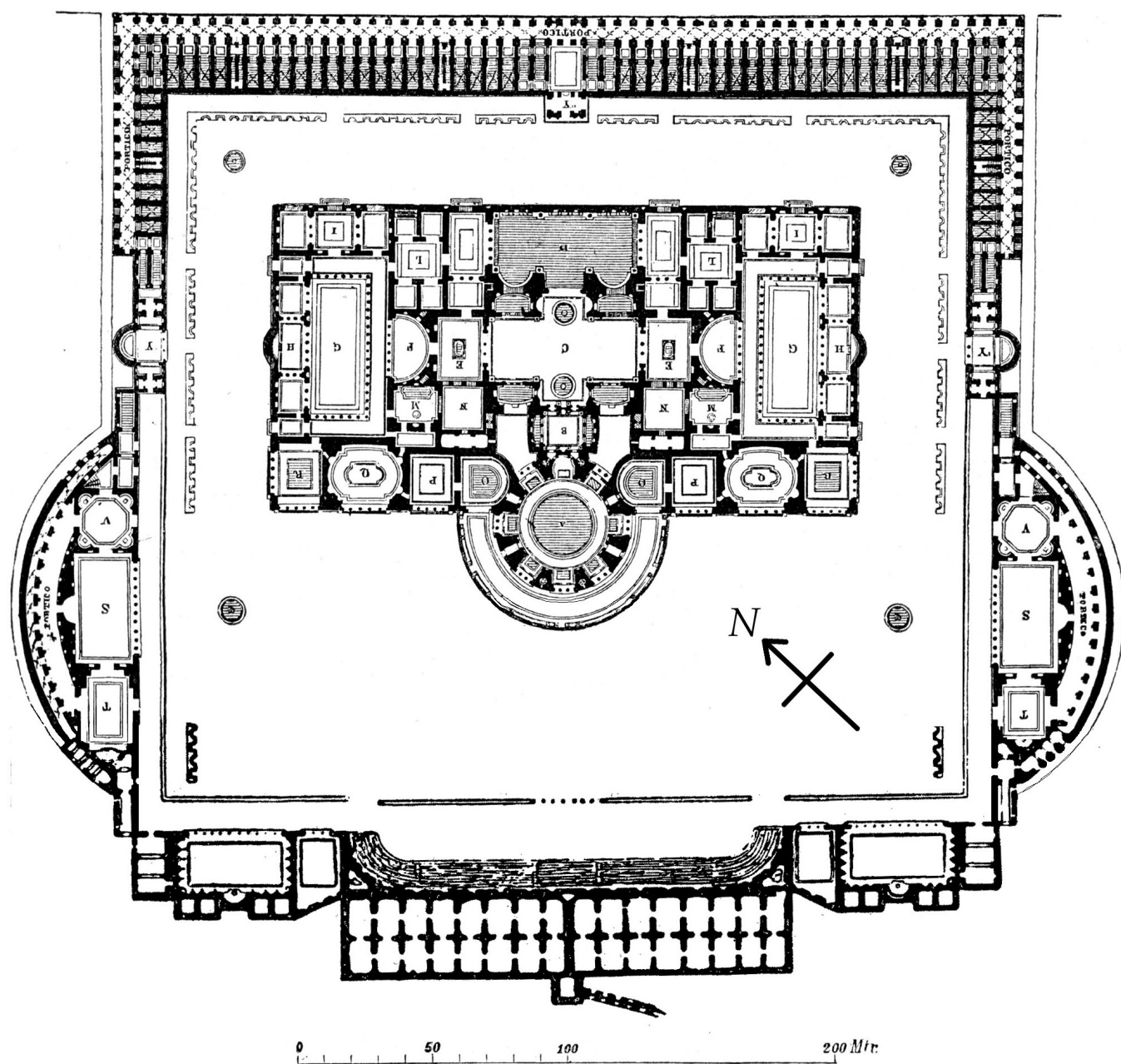


fig. 15 - Reconstrução Planta Termas de Caracalla, séc. XIX



fig. 16 -*sıcaklık* do hamami Çemberlitas - Autor Desconhecido

O exemplo Islâmico

Hammami Çemberlitas - Sinan

Com a ascensão da cultura islâmica depois da Antiguidade Clássica, também a cultura dos banhos mudou. A história dos banhos islâmicos começou cerca do século VII. Nesta época, os banhos eram como um complemento da mesquita, local central nas cidades islâmicas e, normalmente um ponto de confluência da população. A crença islâmica sempre esteve ligada à cultura dos banhos islâmicos. Por exemplo, no Alcorão²⁵ existe uma passagem que diz o seguinte: *“Ó tu que acreditas! Quando te levantas para orar, lava o teu rosto e as tuas mãos até aos cotovelos, e limpa a tua cabeça e os teus pés até aos tornozelos, e se for preciso um banho integral, então lava-te. Se estás doente, ou em viagem, ou se tocaste em mulheres, e não conseguires encontrar água, então dirige-te à terra pura e limpa a tua cara e as tuas mãos com isso, Deus não te deseja dificuldade, mas sim purificar-te, para que fiques grato.”*

Aqui o Alcorão especifica como se deve preparar cada pessoa para a sua oração e além disso, tomar um banho completo quando, por exemplo, esteve em contacto corporal com uma mulher. Além disto, existem várias proibições na religião islâmica que influenciaram o comportamento nos banhos. Primeiro, o islão não aceita a nudez total, o que contrasta com a época Romana, quando o corpo era enfatizado. Portanto, num hammam, o indivíduo deve cobrir as partes íntimas, dos joelhos até à cintura.

O hammam Çemberlitas é um dos exemplos mais tradicionais desta tipologia de banhos turcos. Projectado por um dos mais reconhecidos mestres daquela época, Sinan, é um espaço em duplicado que alberga homens e mulheres ao mesmo tempo, mas sem nunca haver contacto entre as duas partes. Este edifício, está por isso, disposto de forma simétrica, contido num lote praticamente quadrado. A sua cobertura é composta por quatro cúpulas de diferentes tamanhos. A entrada para a parte feminina do edifício era, originalmente, feita por uma porta discreta numa das fachadas laterais do edifício, com a finalidade de proteger a humildade e a invisibilidade das mulheres que usufruíam destes banhos. Enquanto a entrada para o lado masculino - que é hoje por onde é feita a entradas de homens e mulheres - era virada para a mesquita que se encontra de frente para estes banhos.

²⁵ Alcorão – ou Corão é o livro sagrado do Islão. Os muçulmanos creem que o Alcorão é literalmente a palavra de Alá revelada ao profeta Maomé ao longo de vinte e três anos. Esta palavra deriva do verbo árabe que significa declamar ou recitar.

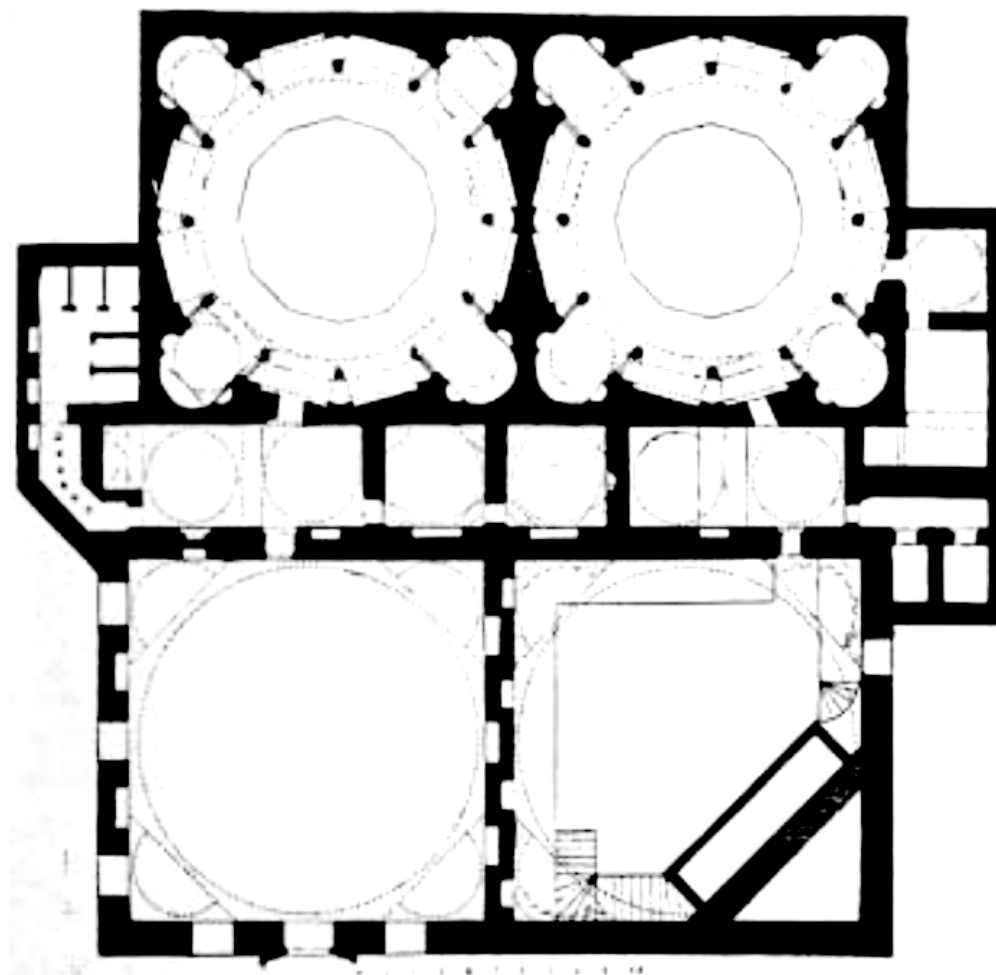


fig. 17 - Planta Hamamı Çemberlitas - Heinrich Gluck. 1921

A entrada para a parte feminina do edifício era, originalmente, feita por uma porta discreta numa das fachadas laterais do edifício, com a finalidade de proteger a humildade e a invisibilidade das mulheres que usufruíam destes banhos. Enquanto a entrada para o lado masculino - que é hoje por onde é feita a entradas de homens e mulheres - era virada para a mesquita que se encontra de frente para estes banhos.

Ao aceder ao edifício por esta entrada, os visitantes chegam a um espaço, que é o vestiário masculino. Este espaço tem uma planta quadrada, com uma cúpula de treze metros de diâmetro, como cobertura. A função tradicional deste espaço de entrada era, não só para trocar de roupas, mas também para descansar depois de usufruir dos banhos. Depois de se despir, o utilizador passa por uma porta no lado oposto à entrada, para aceder a um quarto quente, para que o corpo se habitue lentamente à temperatura mais alta do banho. Esta sala tem outra porta que conduz o utilizador ao espaço principal deste hammam, o *sıcaklık*.

Este espaço é o maior deste edifício e contém no centro uma laje de mármore elevada, onde o utilizador se deita depois de derramar sobre si várias tigelas de água quente existentes em bacias de mármore ao longo do perímetro deste espaço, em pequenos nichos.

Cerca de meia hora depois de estar neste espaço, o utilizador pode usufruir de uma massagem, dada tradicionalmente por um trabalhador deste hammam (*tellak*). A parte feminina deste hammam funcionava de forma idêntica à acima descrita, mas apesar disso, devido a acontecimentos políticos e culturais, esta parte do hammam, foi encerrada no século XIX, e o espaço utilizado para outros fins. Este, como a maioria dos banhos turcos, herdou dos banhos Romanos o sistema de aquecimento por hipocausto. Este sistema funciona com um forno de lenha que, aquecendo o ar por baixo dos espaços, aquece a água e indirectamente, os pisos dos banhos.

O exterior deste edifício perdeu, ao longo dos tempos, a sua grandeza. A rua onde se encontra implantado mudou bastante tendo os edifícios envolventes subido vários metros de cota. O que naturalmente faz com que este edifício perca o seu lado mais excepcional. Apesar disso continua a ser bastante visível e notório a presença das cúpulas que constroem a cobertura.



fig. 18- Vista do espaço de água em primeiro plano - Daici Ano

O exemplo Japonês

Horai Onsen - Kengo Kuma

Podem distinguir-se claramente nesta cultura, três tipos diferentes de banhos: O onsen, sento, e o furo, são os mais referenciados em toda a história desta cultura. No entanto, até aos dias de hoje, as práticas culturais e os ritos, são mais descritas em relação ao onsen. Não obstante a importância deste primeiro, quer o sento ou o furo, são também fundamentais na compreensão desta cultura. Neste caso, analisa-se mais concretamente o onsen.

Historicamente, existiam duas palavras que descrevem os diferentes tipos de banho, dentro desta cultura: yu e furo. A palavra yu, equivale ao que se entende nos dias de hoje como onsen, e traduzindo literalmente a palavra, significa, água quente. No entanto, o termo furo, surgiu muito mais tarde, algures no século XIII, e significava banho de vapor.

Construído na província montanhosa de Atami, este onsen foi construído como ampliação de um reconhecido hotel tradicional no Japão. O projecto, elaborado pelo arquitecto Kengo Kuma, em 2003, consiste na construção de um banho tipicamente japonês, um onsen. Um onsen é um tipo de banho onde o utilizador se emerge em águas provenientes de fontes termais minerais.

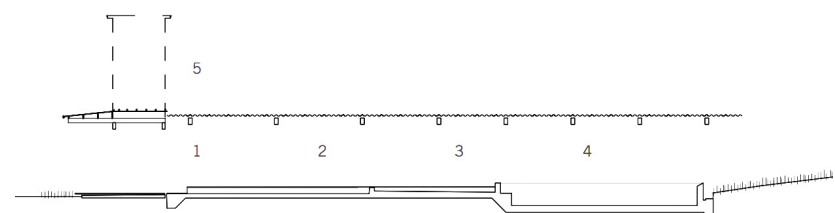
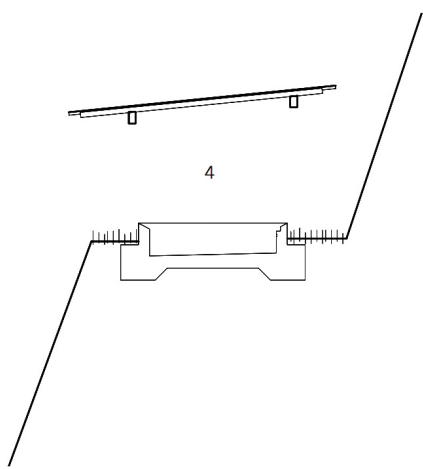
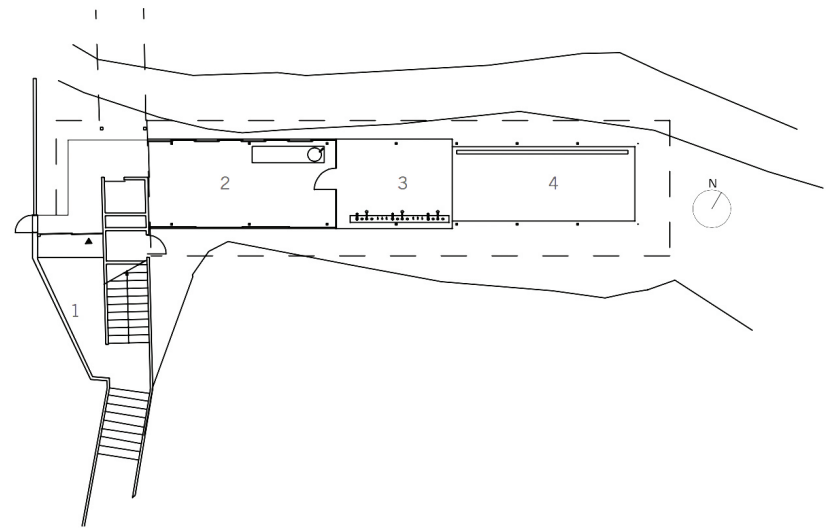
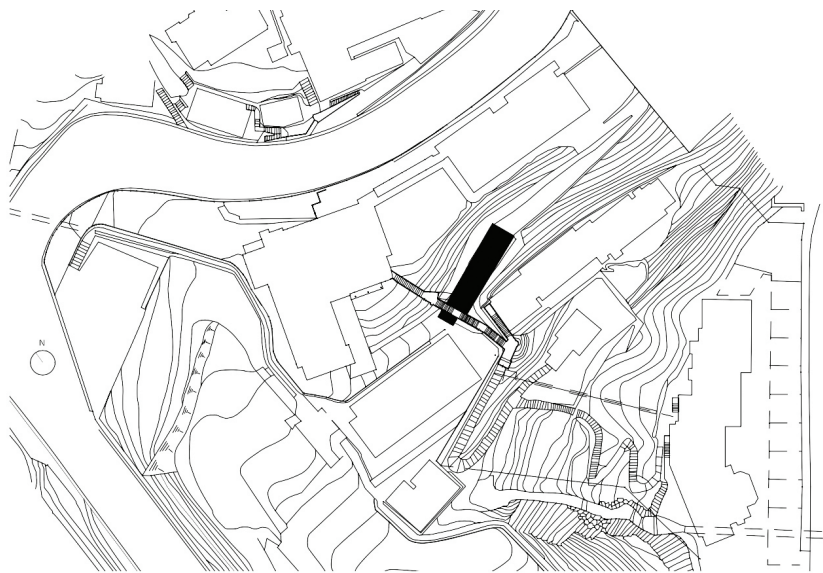
A intervenção deste arquitecto consiste num espaço único mas tripartido programaticamente. Tendo uma zona de vestiários, seguida de um espaço para a higiene pessoal, e por fim, o espaço principal, a piscina. Estes espaços estão orientados de forma linear. Esta implantação provém do facto deste local ser uma encosta extremamente inclinada, o que dificulta outro tipo de abordagens ao lugar.

Este espaço é semi-exterior sendo apenas fechado por uma cobertura leve e translúcida de policarbonato ondulado. O pavimento é todo construído em madeira tal como todos os acabamentos. A estrutura da cobertura é constituída por pilares de aço de 60 mm de espessura, pintados de cinzento. O reforço estrutural de toda a cobertura é feito pelo seu lado superior, com tirantes de aço, criando uma subestrutura perpendicular que reforça a resistência da cobertura. Não existem paredes ou outro tipo de fronteira entre o interior do edifício e a encosta montanhosa envolvente. Esta intervenção tem um carácter muito leve, e é intencional deste projecto a obtenção de uma invisibilidade deste equipamento perante a envolvente.

Deste modo, podemos constatar que este projecto, apesar de ter como programa um equipamento que seria bastante tradicional, consegue adaptar-se bem ao modo de vida e quotidiano contemporâneo.



fig. 19- Vista da chegada ao espaço de banho - Mitsumasa Fujitsuka



- 1 / ENTRY
- 2 / WAITING/CHANGING ROOM
- 3 / WASHING AREA
- 4 / BATH

fig. 20 - Desenho de implantação, planta de piso e cortes trasnversal e longitudinal

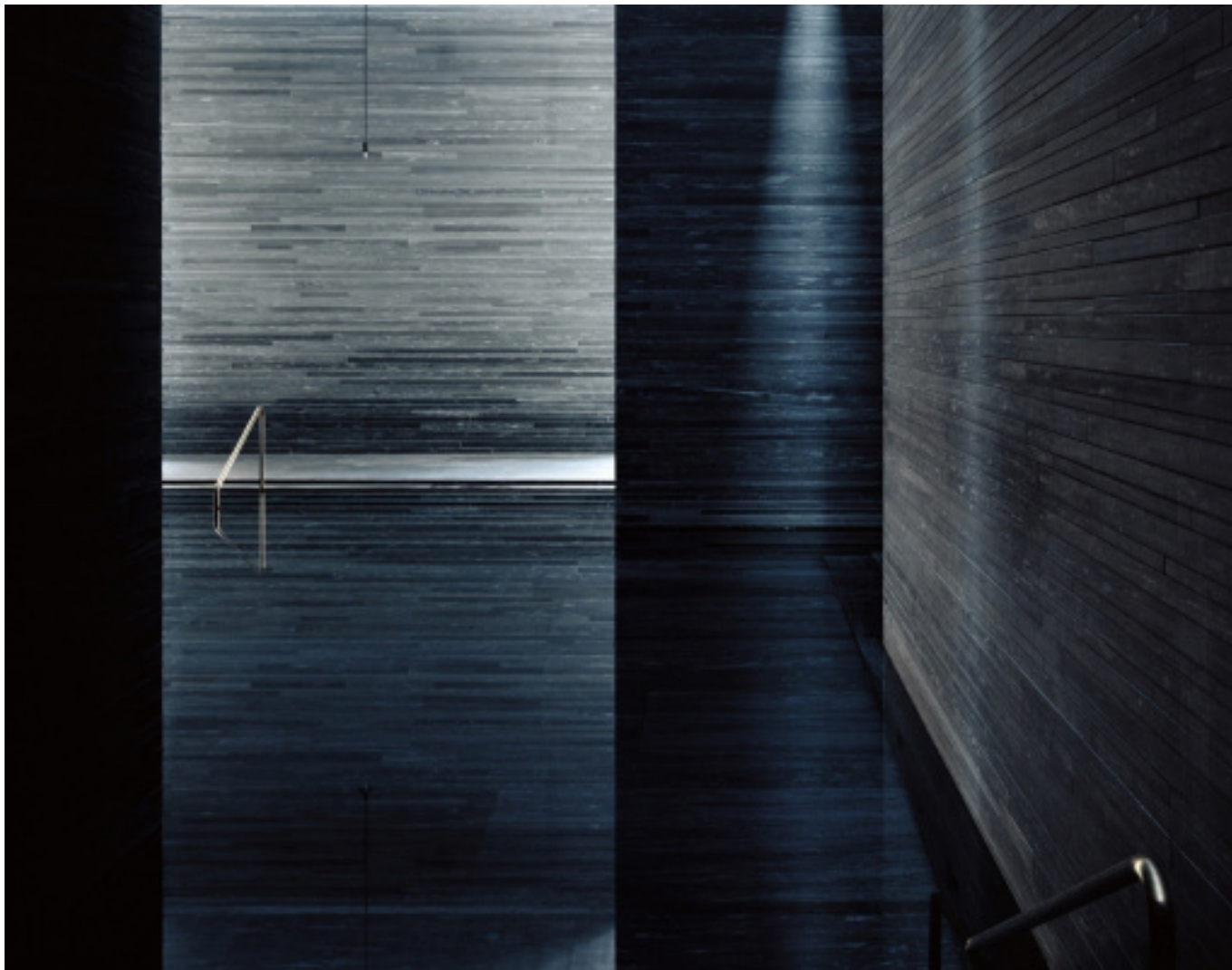


fig. 21 - Vista da piscina interior quente 32°C - Termas de Vals

O exemplo contemporâneo

Termas de Vals - Peter Zumthor

Construído como parte integrante de um Hotel na provincia de Vals, na Suíça, o edifício das termas de Vals, foi projectado pelo arquitecto Peter Zumthor em 1996. Este edifício, assemelha-se em forma, a um monólito, sólido, encastrado no declive da encosta da montanha, ao qual foram escavados alguns espaços. Estes vazios resultantes dão forma ao espaço interior do edifício das termas.

Em relação à sua organização, a entrada é feita por um túnel que parte da cave do hotel. Este acesso, é estreito, e faz a ligação com a entrada no complexo termal. À entrada encontram-se cinco fontes termais, e do outro lado os vestiários. Continuando o percurso de entrada, depois de passarmos pelos vestiários chegamos a um espaço, que fará a ligação com todos os outros espaços do projecto. A partir deste ponto, o caminho passa a não ser completamente definido e convida o utilizador a ir descobrindo, deambulando, o resto dos espaços.

*“O meandro, como nós lhe chamamos, é um espaço desenhado em negative entre os blocos, um espaço que conecta tudo fluindo pelo edifício inteira, criando um ritmo de pulsação relaxante. Andar por este espaço significa fazer descobertas. Tu estas a andar como se estivesses na floresta. Toda a gente procura um caminho próprio.”*²⁶

O interior do espaço de banhos funciona por uma sucessão de cheios e vazios, nos quais se encontram os vários tanques, de diferentes temperaturas e formas de banho. As massas de pedra, as cavernas encerradas e os vazios entre elas, são os três elementos que compõem a construção do edifício. Cada bloco de pedra, contém um ambiente diferente, imperceptível pelo exterior. Apenas a piscina interior, aquecida a 42°C, provoca uma nuvem de vapor, que se estende por entre os vários espaços do projecto.

Em relação aos serviços de manutenção deste edifício, encontram-se todos no piso subterrâneo deste complexo. Quer sejam os tanques de compensação e filtragem da água das piscinas, como a lavandaria, ou toda a maquinaria necessária ao bom funcionamento das termas.

Estas termas, construídas no fim do século XX, têm a particularidade de englobar no seu programa, vários aspectos que relacionam directamente este complexo com os costumes tradicionais dos banhos ao longo da história, quer seja pelo seu ambiente intimista e de luz reduzida, quer pelos banhos a várias temperaturas. Este é sem dúvida um exemplo de uma abordagem contemporânea, onde o arquitecto reinterpreta os tipos de banhos estudados ao longo da história, adaptados à vida actual.

²⁶ Peter Zumthor (Archdaily 2009) - *“The meander, as we call it, is a designed negative space between the blocks, a space that connects everything as it flows throughout the entire building, creating a peacefully pulsating rhythm. Moving around this space means making discoveries. You are walking as if in the woods. Everyone there is looking for a path of their own.”* Tradução do autor

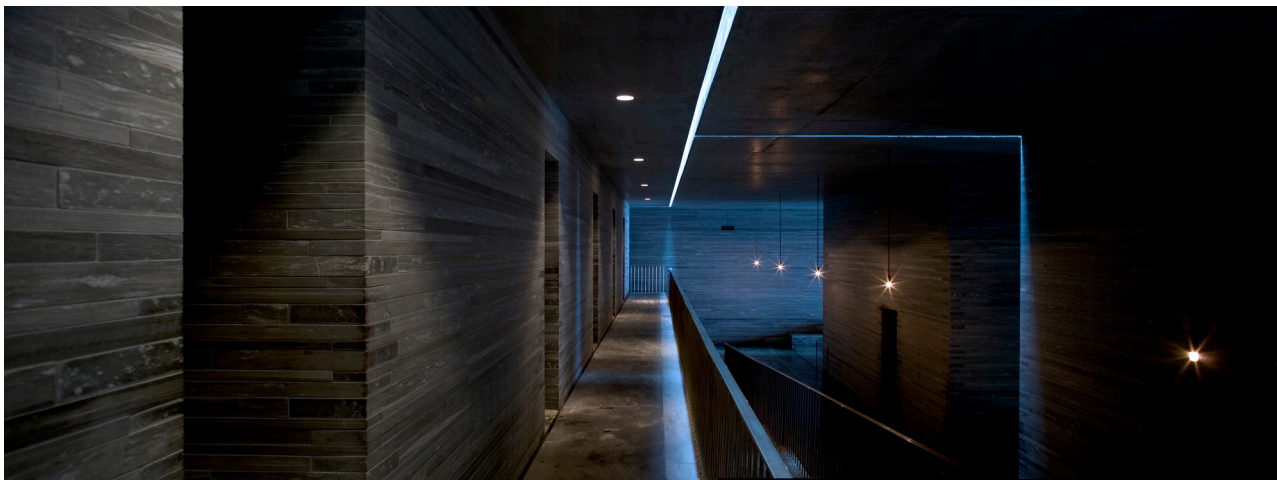


fig. 22 - Vista do acesso ao espaço de banhos- Termas de Vals. Fernando Guerra

fig. 23 - Vista interior - Termas de Vals. Fernando Guerra



fig. 24 - Planta dos espaços de banho - Termas de Vals



fig. 25 - Vista interior - Termas de Vals. Hélène Binet. 2006

Conclusão

Como vimos, ao longo do tempo, o significado, a funcionalidade e o espaço dos banhos tiveram diferentes importâncias e diferentes contextos sócio-civilizacionais. De uma função íntima e associada à limpeza do corpo até a uma função social e ligada ao lazer, passando naturalmente pela limpeza da alma, assistimos ao longo da história a diferentes usos e costumes associados à água e aos banhos.

As civilizações clássicas trouxeram a funcionalidade da água e do banho para o espaço social público fazendo evoluir a arquitectura do banho por um vasto complexo de espaços onde a água era fruída de diferentes formas (quente, fria, tépida) e em diversos ambientes (mais intimistas ou mais sociais) e com diversas funcionalidades (higiene, terapia, lazer e social).

A influência Cristã, especialmente relevante na cultura ocidental, alterou profundamente a relação do homem com a água e, em particular, com o banho. A noção de nudez associada a pecado, motivaram um comportamento social de pudor face à exposição pública do corpo e, dessa forma, a função social dos banhos públicos perdeu a sua importância e estes espaços sociais, passaram a ser associados ao ócio e ao pecado, e por essa razão passaram a ser mal vistos e entraram em desuso.

A evolução da cultura ocidental mais recente veio possibilitar a recuperação das diferentes funções da água e do banho. Simultaneamente, a industrialização, o desenvolvimento económico e os avanços da ciência, em particular associado à medicina, motivaram a democratização do banho na sua função de higiene do corpo e desta forma surge a necessidade de criar espaços próprios para esta função nas habitações privadas. Mas a evolução civilizacional e a globalização acabam por recuperar antigos usos e costumes associados à fruição da água e dos banhos. A civilização contemporânea acabar por se emancipar do pudor cristão, que recomendava o recato do corpo e da alma, e reinventa as diversas formas de fruir da água (quente, fria, tépida) e reintroduzindo as funcionalidades dos banhos e recuperando os espaços partilhados a eles associados.

É então intenção deste trabalho, trazer à sociedade actual esta prática e estes espaços, por meio da implantação de um novo equipamento de banhos públicos, neste caso na cidade de Sines. Uma das premissas que levam ao desenvolvimento de um equipamento deste tipo nesta cidade, parte do facto de, no início do século XX ter existido um edifício de banhos públicos que foi destruído e nunca foi recuperado nem substituído por espaço com programa idêntico.



PARTE II





fig.26 - Planta Territorial | escala 1:20 000



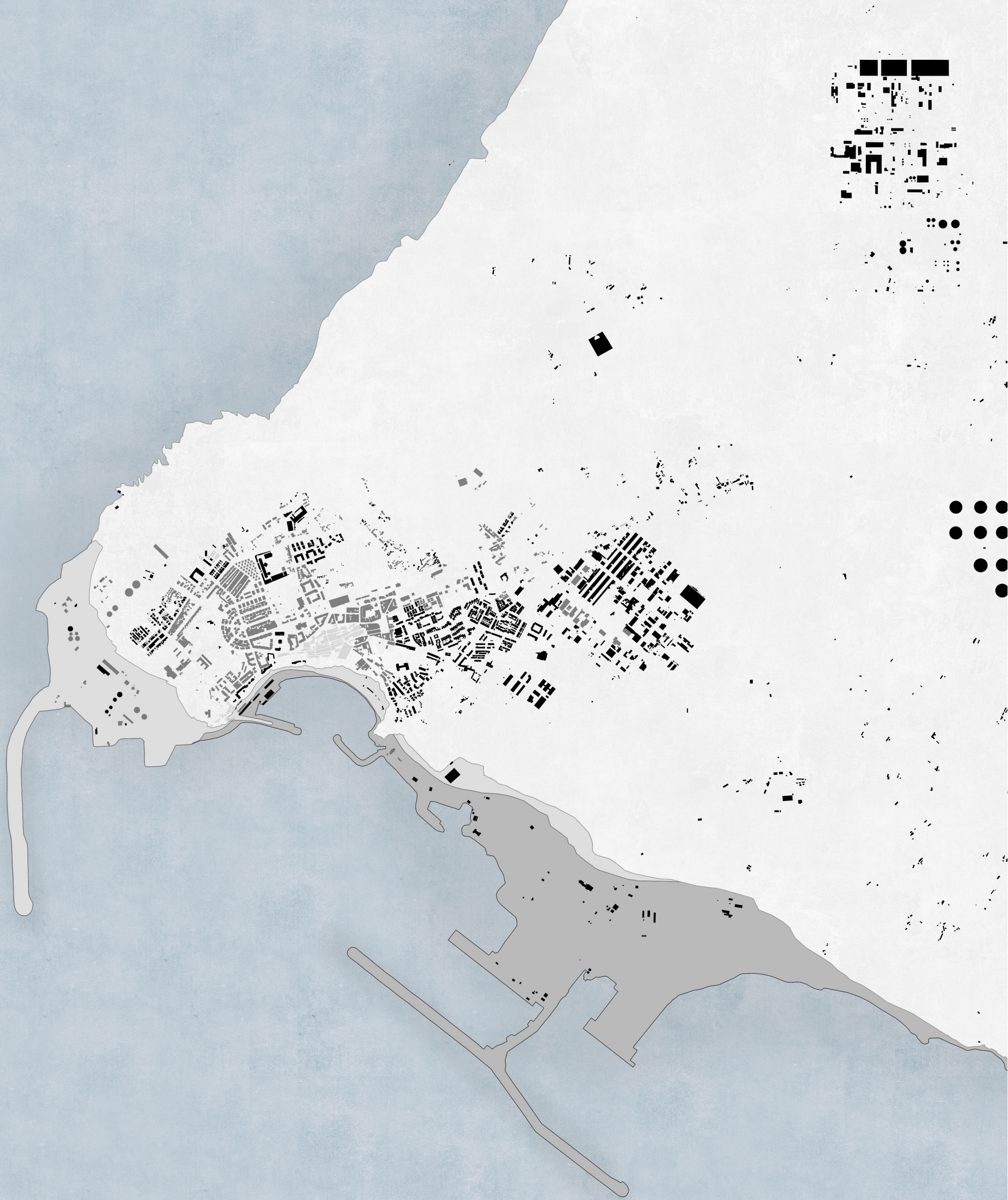


fig. 27 - Esquema sobre a evolução do núcleo urbano de Sines e a evolução da linha de costa

Contexto

Evolução Urbana

Ao longo da sua história, Sines sofreu constantes mudanças. Começando na era paleolítica, quando os primeiros registos de assentamento humano aparecem, passando pela era Romana, até aos dias de hoje, a cidade sempre se definiu como um importante centro portuário com condições climatéricas e geográficas bastante favoráveis.

O primeiro núcleo urbano estável da cidade, surge com os Romanos que descobrem na morfologia geográfica de Sines as condições ideais não só para fazer deste local abrigado o porto de mar que serve a cidade romana de Miróbriga²⁷, mas também para aqui desenvolverem um importante ponto de produção e de salga de peixe do Império. É precisamente da era Romana que advém uma das hipóteses de toponímia de Sines, o termo latino sinus que significa baía ou golfo.

Muito mais tarde, já com D. Pedro, Sines ganha autonomia administrativa em relação a Santiago do Cacém, porque Sines passa a ser um importante ponto na estratégia de defesa costeira do reino e simultaneamente é um porto fundamental no comércio marítimo então em grande desenvolvimento. É nesta época que se constrói o Castelo de Sines logo a seguir ao forte do Revelim e que constituem duas importantes obras militares para a defesa de toda a baía da cidade.

No início dos anos 70 do século passado, dá-se uma das mais relevantes mudanças na cidade de Sines. Acompanhando o desenvolvimento industrial na Europa, o governo do prof. Marcelo Caetano, decide criar um grande complexo portuário e industrial em Portugal. Sines é o lugar escolhido por se tratar de um porto com características consideradas ideais para suportar a política industrial e económica de então não só por se tratar de um porto de águas profundas e por isso apto a receber navios de grande calado e também por estar a sul de Lisboa e perto dos grandes polos industriais em desenvolvimento.

As obras do porto de Sines implicaram um enorme aterro para que se pudessem construir os acessos rodoviários do porto aos principais complexos industriais e que alteram profundamente a morfologia da baía da cidade.

²⁷ Miróbriga, importante núcleo urbano romano junto a Santiago do Cacém.



fig. 28 - Fotografia aérea do Cabo de Sines anterior ao aterros do porto Industrial.



fig. 29 - Fotografia aérea posterior aos aterros do porto Industrial em Sines.



fig. 30 - O antigo edifício dos Banhos Salinos Quentes de Sines - 1900
Jornal Redes do Tempo, nº2

Memória dos antigos Banhos Salinos Quentes de Sines

Sines sempre foi uma cidade marcada pela importância do seu porto. A importância do porto e da sua abrigada baía, é acrescentada no início do século XX pela crescente popularidade de Sines como estância balnear. Nesta época, eram principalmente os banhos salinos quentes a grande atracção desta região. Não se sabe ao certo a data em que se inaugura esta estância termal, embora tenha sido um pólo importante de desenvolvimento de turismo associado à procura de cura termal de pessoas vindas de diversas regiões que, por prescrição médica, procuram nos banhos salinos quentes de Sines cura para as suas maleitas.

Além da praia crescentemente procurada pelas pessoas da região, Sines passa a ser também conhecida por ter um edifício de banhos quentes público. Estes banhos públicos tinham, face aos demais existentes no nosso país, uma particularidade relevante e que gerava uma grande afluência de pessoas e que era o facto de terem banhos de água quente salina. Durante vários anos a terapia pela água quente salina foi muito popular e desenvolveu o turismo termal de Sines com particular incidência nos meses de Agosto e Setembro a coincidir com o fim das lides agrícolas e atraindo para esta estância as gentes da região que aqui procuram tratamento para os seus males. Sines e os banhos quentes salinos desempenharam durante vários anos esta função termal. Era costume as pessoas ficarem vários dias dependendo da prescrição do tratamento. Os relatos de uma habitante permitem compreender como funcionavam os banhos Salinos Quentes:

“ Os Banhos Quentes eram uma casa grande e bonita, mobilada de camas para os doentes. Tinham uns tubos grandes debaixo da areia que iam ligar aos banhos com água salgada. Vinha muita gente tomar banhos quentes e depois ia para casa. Mas muitos ficavam lá o dia inteiro, não tinham meios, e outros que eram aleijadinhos. (...). À porta, havia um aparelho muito lindo que tocava música. Lá dentro havia banheiras de pedra, forradas de azulejo. Cada quarto tinha uma banheira, uma cadeira e um cabidezinho para porem a roupinha e tomarem banho. Vinha água salgada por umas torneiras e arrefecia juntamente com a água doce.”²⁸

O edifício onde funcionavam estes banhos foi provavelmente construído nos finais do século XIX ou início do século XX. Em 1941, houve uma grande tempestade e um ciclone em Sines que destruiu por completo este edifício e todos os restantes na envolvente. Desde essa altura nunca mais voltou a existir um edifício semelhante em Sines²⁹.

É neste contexto que este trabalho se desenvolve, surgindo como estratégia de voltar a dar a esta cidade uma função que outrora desempenhou e que por causas furtuitas perdeu. Inspirado no passado e trazer para a contemporaneidade da cidade de Sines um edifício termal com características únicas de banhos públicos e terapia por águas salinas quentes é o objectivo deste projecto.

²⁸ In Jornal Redes do Tempo, nº2. (Sines 2010) pág.4

²⁹ Francisco Luiz Lopes-Breve Notícia de Sines, pátria de Vasco da Gama (Lisboa 1850)

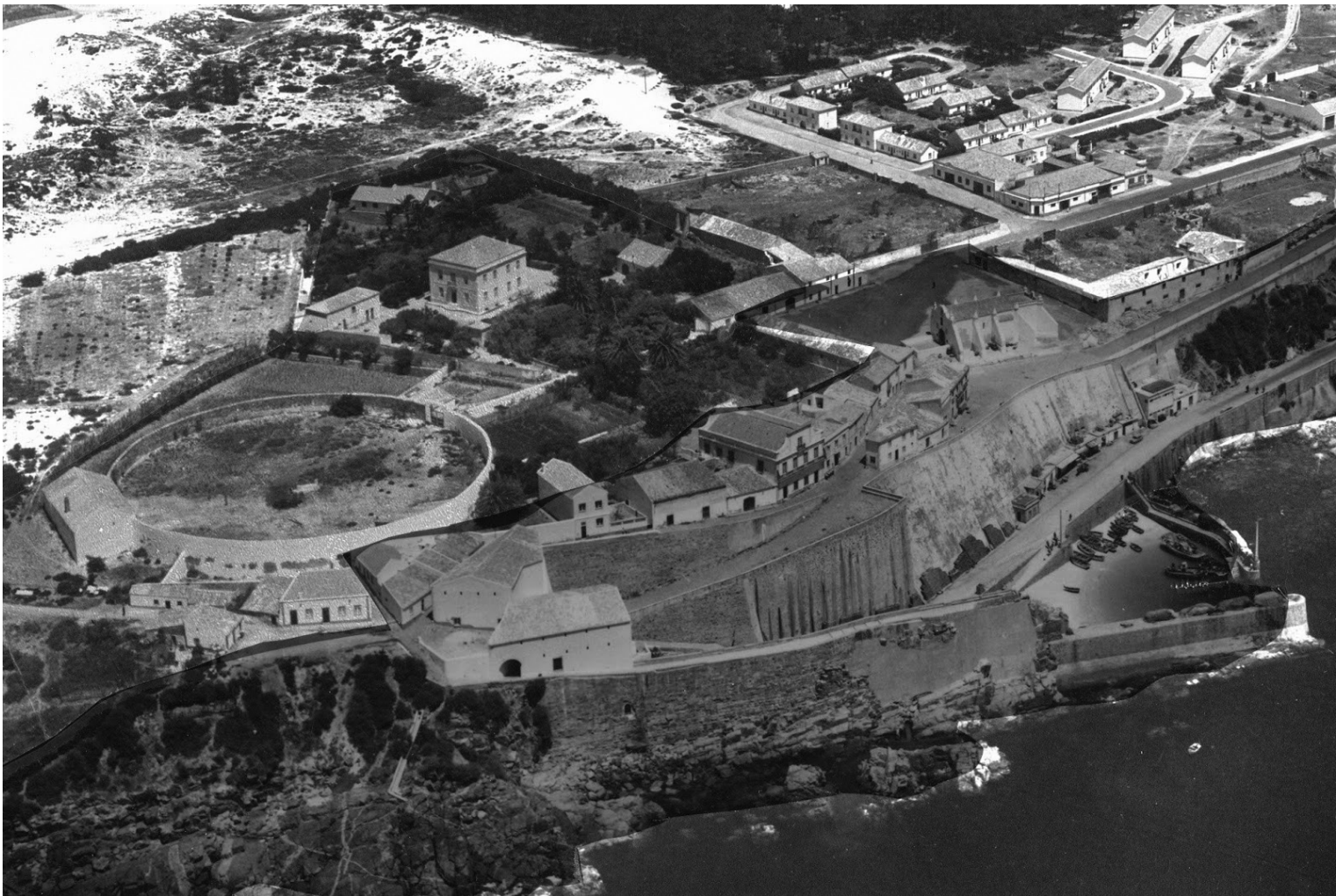


fig. 31 - Vista aérea dos armazéns da Ribeira de Sines. 1960

Implantação

A Ribeira de Sines - Calheta

A Ribeira de Sines, toma também o nome de Calheta³⁰, por ser um lugar onde existe uma enseada estreita, com protecção rochosa onde se instalaram os armazéns do porto de pesca. A grande transformação da Ribeira de Sines inicia-se com a intervenção do engenheiro italiano, Leonardo Torreano³¹. No seu plano de obras da estrutura portuária, por volta de 1600, previa-se uma muralha sobre os rochedos existentes, prolongando o abrigo e acomodando uma plataforma de artilharia, um muro de ligação à falésia e à praia, um caminho de acesso da arriba ao porto, o desassoreamento do interior da calheta e um cais³². Os esboços iniciais para o porto aproveitavam os elementos do abrigo natural formado pela falésia. O projeto de Leonardo Torreano acaba por sofrer algumas transformações por parte do engenheiro italiano, Alexandre Massai³³, sendo este que fica encarregue pelas obras que se foram realizando nos 20 anos subsequentes.

Em 1971, é dada a notícia da construção de um novo porto marítimo de águas profundas com capacidade de explorar um novo conjunto de atividades a uma escala alargada. Sines descobre o potencial da sua localização geográfica na fachada ibero-atlântica, sendo uma das características cruciais para o sucesso de um novo porto que permitiria a entrada na Europa.

A Calheta foi ao longo dos tempos um ponto de relevante importância económica e urbana no contexto de Sines. Contudo, a construção do novo porto de Sines na década de 70 do século passado transformaram profundamente este espaço urbano. Desde logo porque o aterro do porto levou para longe do mar a Calheta e retirando-lhe as funcionalidades do passado, associadas ao porto de pesca.

Por ser um edifício que se encontra vazio e disponível e que perdeu a sua função, mas também pela sua importância na história da cidade, surge assim a necessidade de dar um novo uso a estes armazéns do antigo porto de pesca, e é por isso, que estes dois edifícios, são o lugar de implantação deste projecto.

³⁰ Calheta – Consistia numa angra, protegida por um penedo, a que se seguia um rochedo que ficava submerso na preia-mar (orientados no eixo este-oeste).

³¹ Leonardo Torriani foi um engenheiro militar e arquitecto italiano radicado em Portugal. O seu sobrenome também é comumente grafado como Torriano, Torreano ou Turriano. Além das obras de Sines, foi encarregado das obras do Forte de São Lourenço do Bugio (1594), do Forte de São Julião da Barra (1597) e, por morte de Filippo Terzi, das obras do Forte de São Filipe de Setúbal (1598), época em que foi nomeado Engenheiro-mor do Reino.

³² Não surge em nenhuma das plantas da autoria de Leonardo Torreano.

³³ Alexandre Massai (Nápoles- Sines, 1638) foi um arquitecto e engenheiro militar napolitano. Alexandre Massai veio para Portugal em 1589 com outro engenheiro militar italiano, Giovanni Vincenzo Casale (seu tio), para fortificarem o porto de Lisboa e darem continuidade à estratégia defensiva do litoral português iniciada no século XVI. Massai foi destacado para a costa do alentejo, onde desenvolveu a maior parte da sua vida profissional deixando um notável conjunto de obras e “um considerável acervo de cartografia e desenho projectual, nomeadamente representações de trechos da costa e portos e projectos de fortificação e hidráulica marítima”.



fig. 32 - Ilustração baía de Sines - Autor desconhecido



fig. 33 - A Calheta de Sines - Postal ilustrado início do séc. XX - Autor desconhecido
Ricardo Estevam Pereira - Ler a Paisagem: Um passeio por Sines, guiado pelos seus escritores (Sines, 2008)



fig. 34 -Baía de Sines com vista para a calheta, antes do aterro dos anos 70



fig. 35 - Vista da baía de Sines para a calheta após as primeiras obras e aterro. 1975



fig. 36 - Armazéns da Ribeira de Sines. Vista Sul - Norte 2018. Fotografia do autor



fig. 37 - Armazéns da Ribeira de Sines. Vista da rampa de acesso pela cota superior.
2018. Fotografia do autor



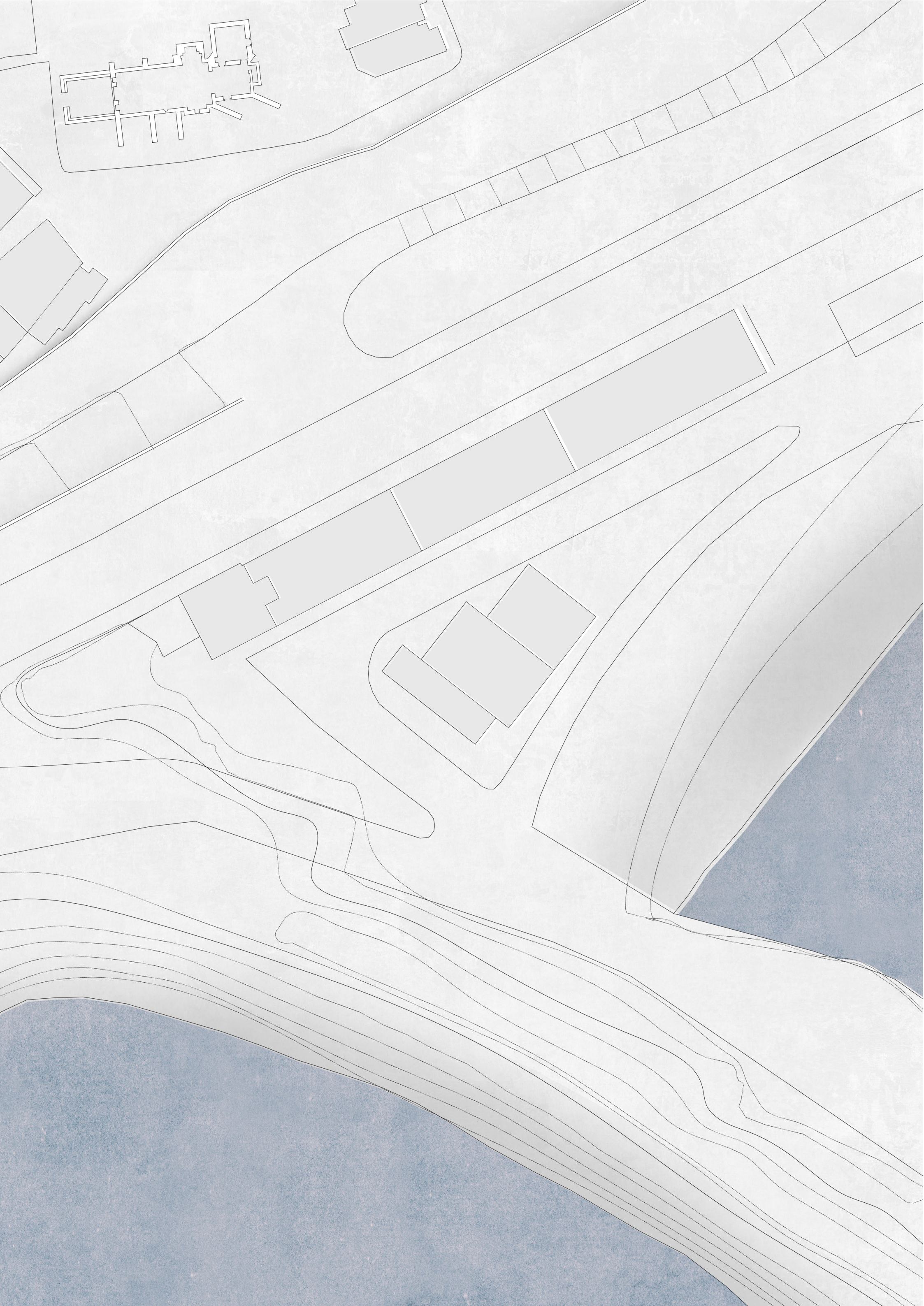
fig. 38 - Armazéns da Ribeira de Sines. A relação da cota da rua, com a cota de acesso ao edifício. Vista Nascente. 2018. Fotografia do autor



fig. 39 - Armazéns da Ribeira de Sines. Vista da rampa perimetral que liga a cota da rua de baixo, com a cota superior da escarpa. 2018. Fotografia do autor



fig. 35 - Planta de implantação | 1:500



Intervenção

Memória Descritiva

Compostos por dois edifícios, os antigos armazéns do porto de pesca da cidade, encontram-se hoje devolutos e sem nenhum tipo de utilização. Além de disponíveis, este conjunto de dois edifícios tem uma relação de encastramento com a escarpa que forma a baía de Sines, virada a Sul. Antes do último aterro, elaborado nos anos 70 do século XX, estes edifícios faziam a ligação entre o mar, a escarpa e a cidade de Sines. Hoje em dia estes armazéns perderam a sua funcionalidade devido ao afastamento em relação ao mar que o aterro do porto implicou e por isso acabaram por ficar devolutos e sem uso. Posto isto, a decisão recaiu sobre utilizar estes armazéns, disponíveis, para implementar os novos banhos Salinos Quentes em Sines.

Quanto à intervenção em si, esta parte da apropriação destes armazéns enquanto limite perimétrico da intervenção, isto é, todo o novo projecto estará contido dentro dos limites pré-existentes deste conjunto. Outro aspecto é a transformação destes dois armazéns num edifício único, ligado pelo seu interior. Tendo isto em conta, o aspecto geral deste lugar permanece igual, sendo apenas visível a intervenção no alçado onde existem novos vãos exteriores.

Quanto á organização espacial, este edifício divide-se em 4 níveis diferentes. O primeiro nível situa-se 5 metros abaixo da cota da rua e é por onde se processará a entrada no edifício, a nascente, e cujo acesso é possibilitado por meio de uma rampa de ligação com a rua.

Entrando no edifício, existe uma recepção onde é feito o acolhimento e logo de seguida encontram-se os vestiários, onde as pessoas podem trocar de roupa. Depois, subindo umas escadas, chega-se ao primeiro piso de banhos propriamente ditos. Aqui, do lado nascente do edifício, existe um espaço de banhos turcos, e de massagens, onde os espaços são de escala mais pequena e íntima, lembrando alguns espaços dos hammams islâmicos. Do lado poente deste piso existe uma grande piscina de água quente (Caldarium). Este espaço, de forma cilíndrica, tem um pé direito de 12 metros e diâmetro de 7 metros sendo por isso o maior espaço deste projecto. O tecto é em cúpula e tem um vão zenital.

No extremo poente deste piso, sobe-se para o próximo espaço de banhos por meio de uma escada de ligação ao terceiro piso. Esta escada interior acaba por servir de ligação entre os dois antigos armazéns integrando-os agora, através desta ligação, num só edifício. Aqui existem três espaços de chuveiros, um exterior, e outros dois interiores, sendo que o exterior é de água fria e os outros dois de água tépida e quente. Por fim subindo ao último piso deste edifício, encontra-se a outra piscina. Neste espaço, que é exterior por ter um vão aberto na cobertura, a água é fria (Frigidarium). Este espaço, tem uma forma quadrangular, e é o último espaço do percurso deste edifício.

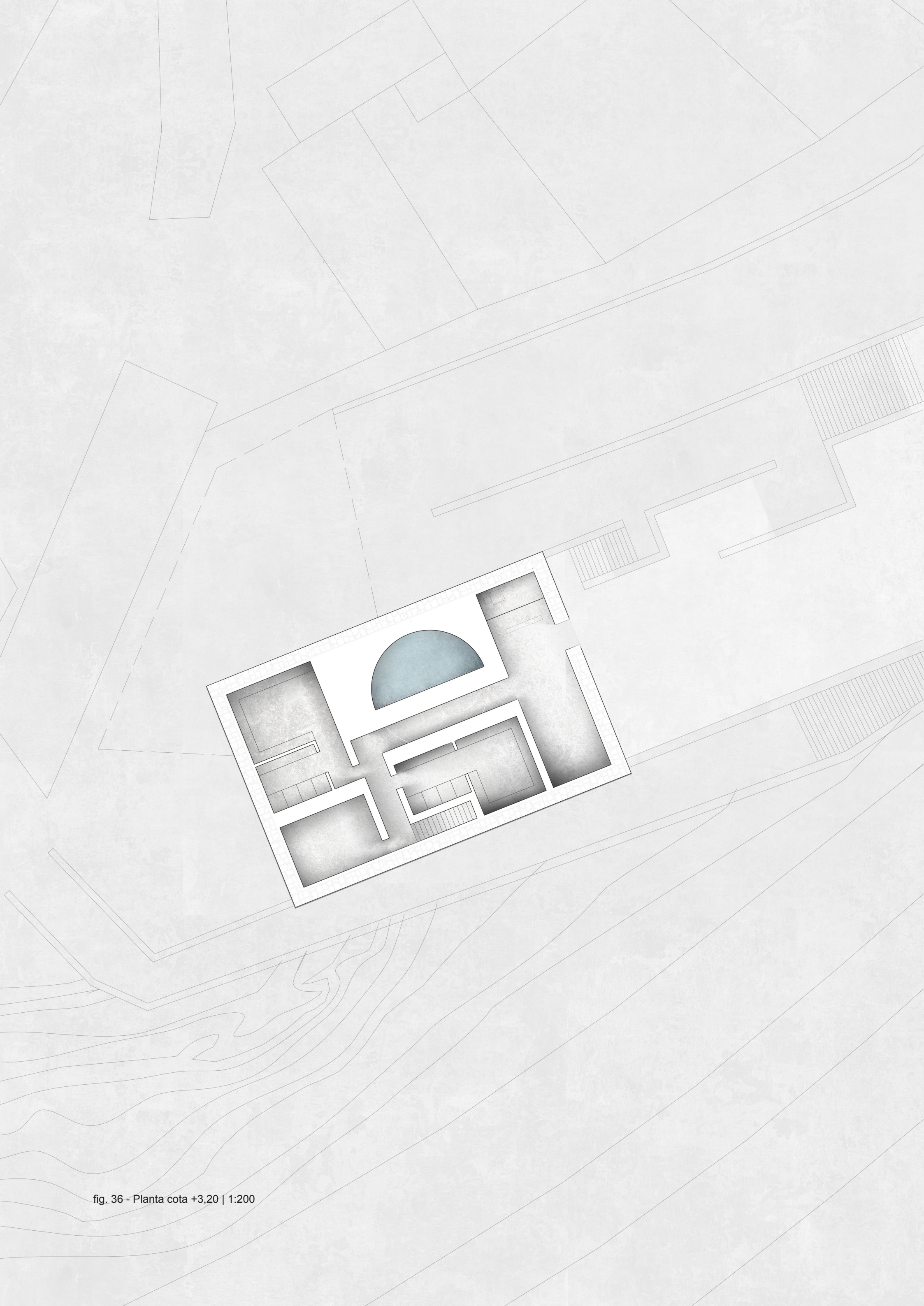


fig. 36 - Planta cota +3,20 | 1:200

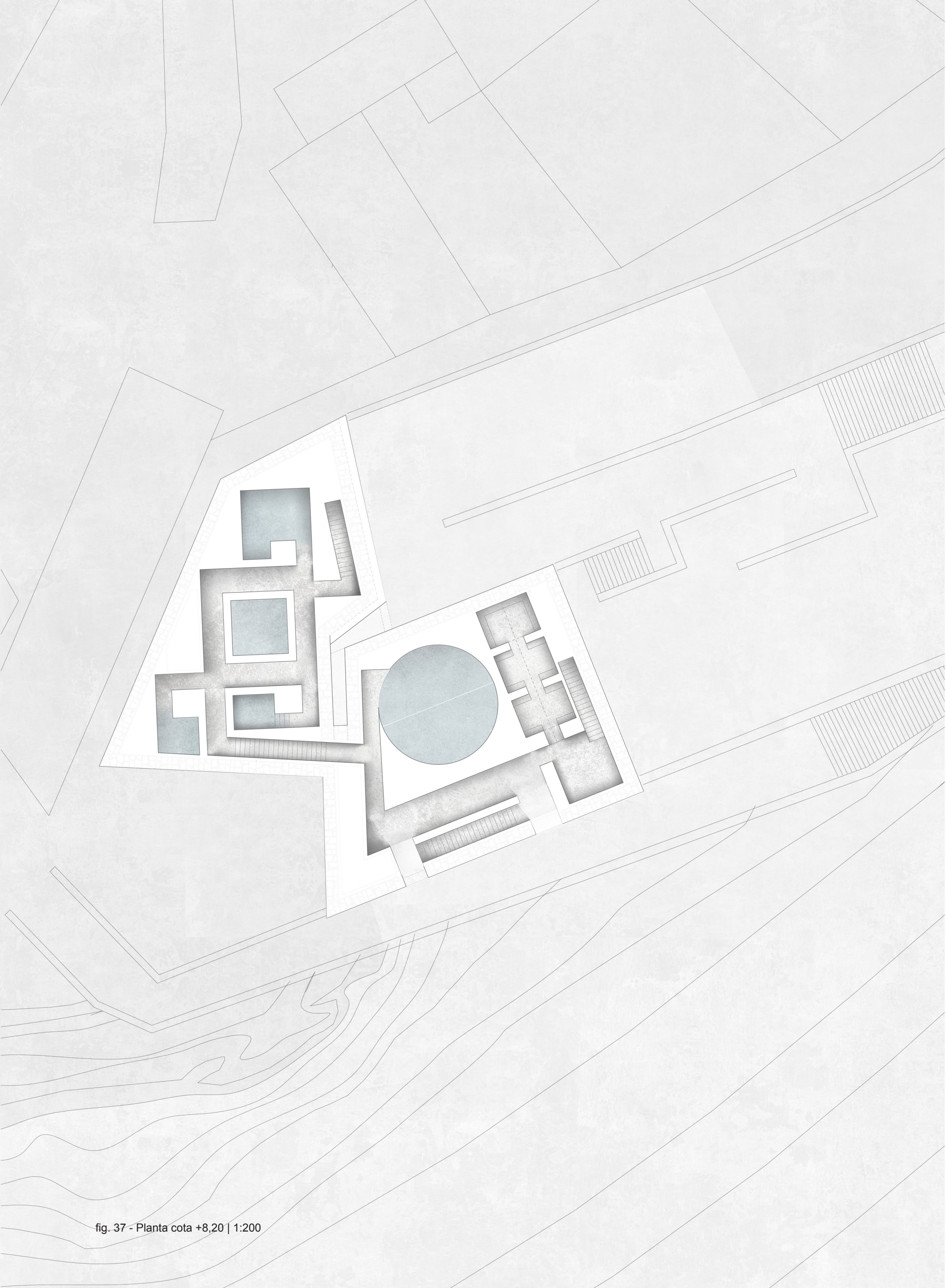


fig. 37 - Planta cota +8,20 | 1:200

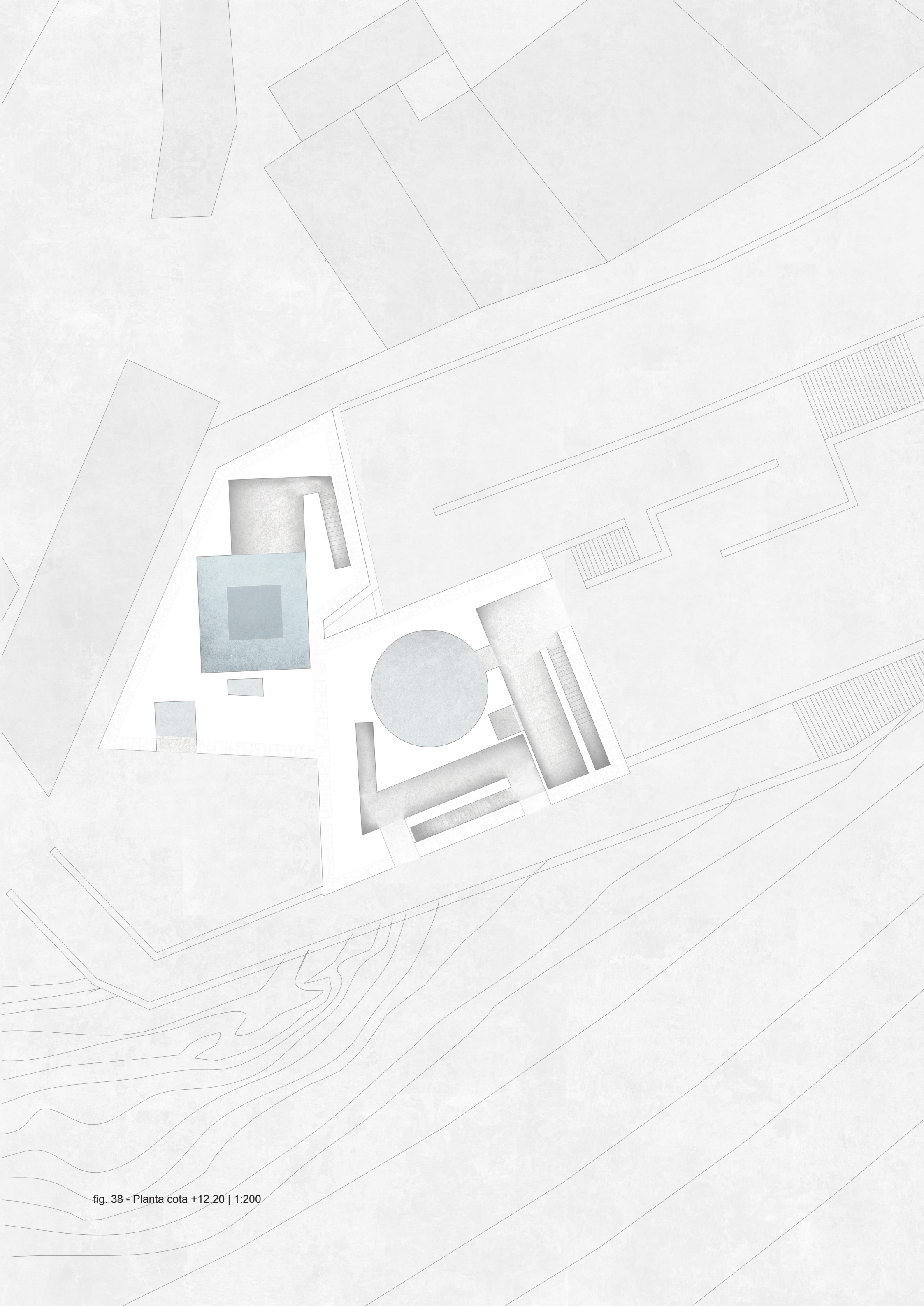


fig. 38 - Planta cota +12,20 | 1:200

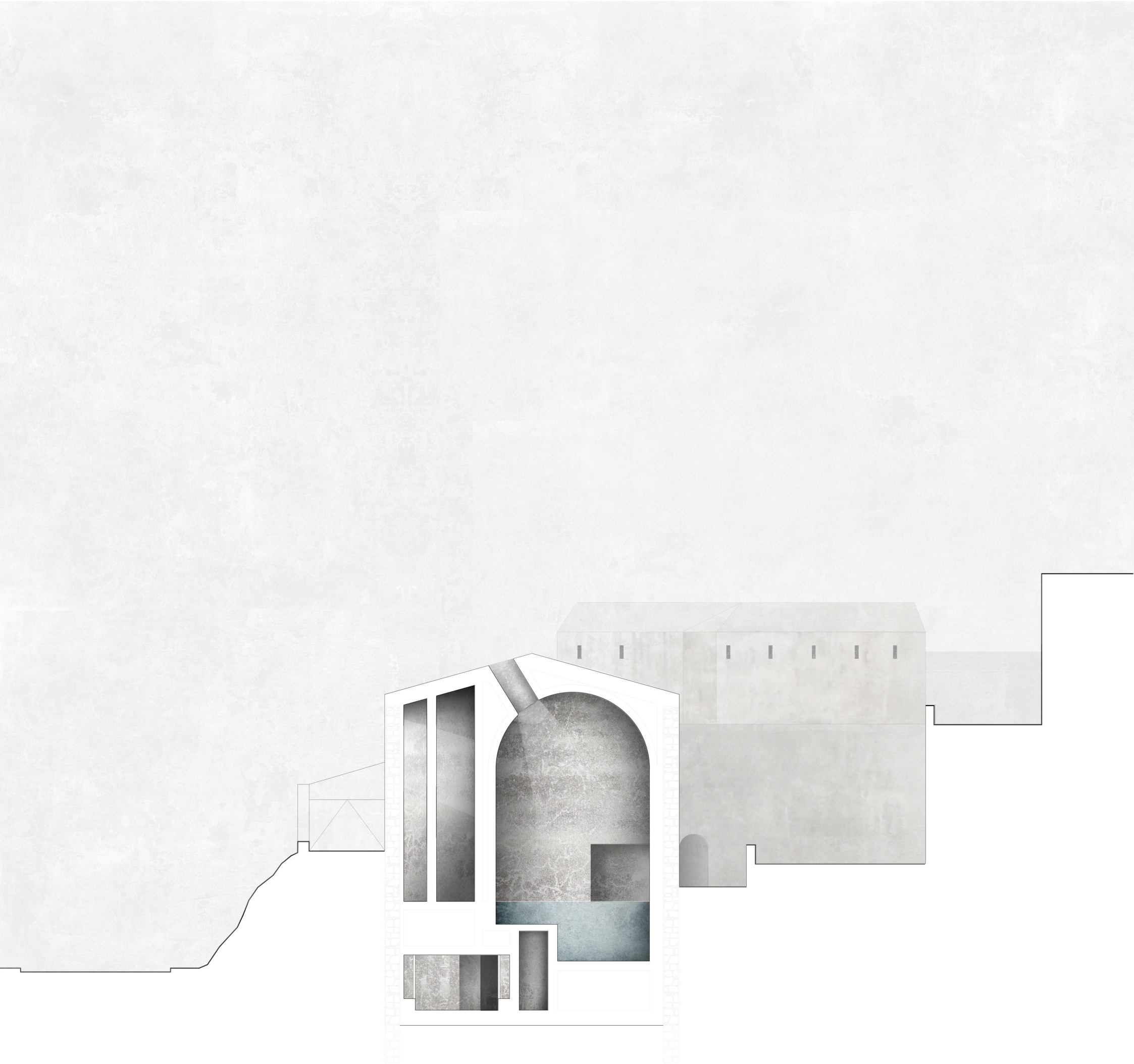


fig. 39 - Corte Transversal | 1:200

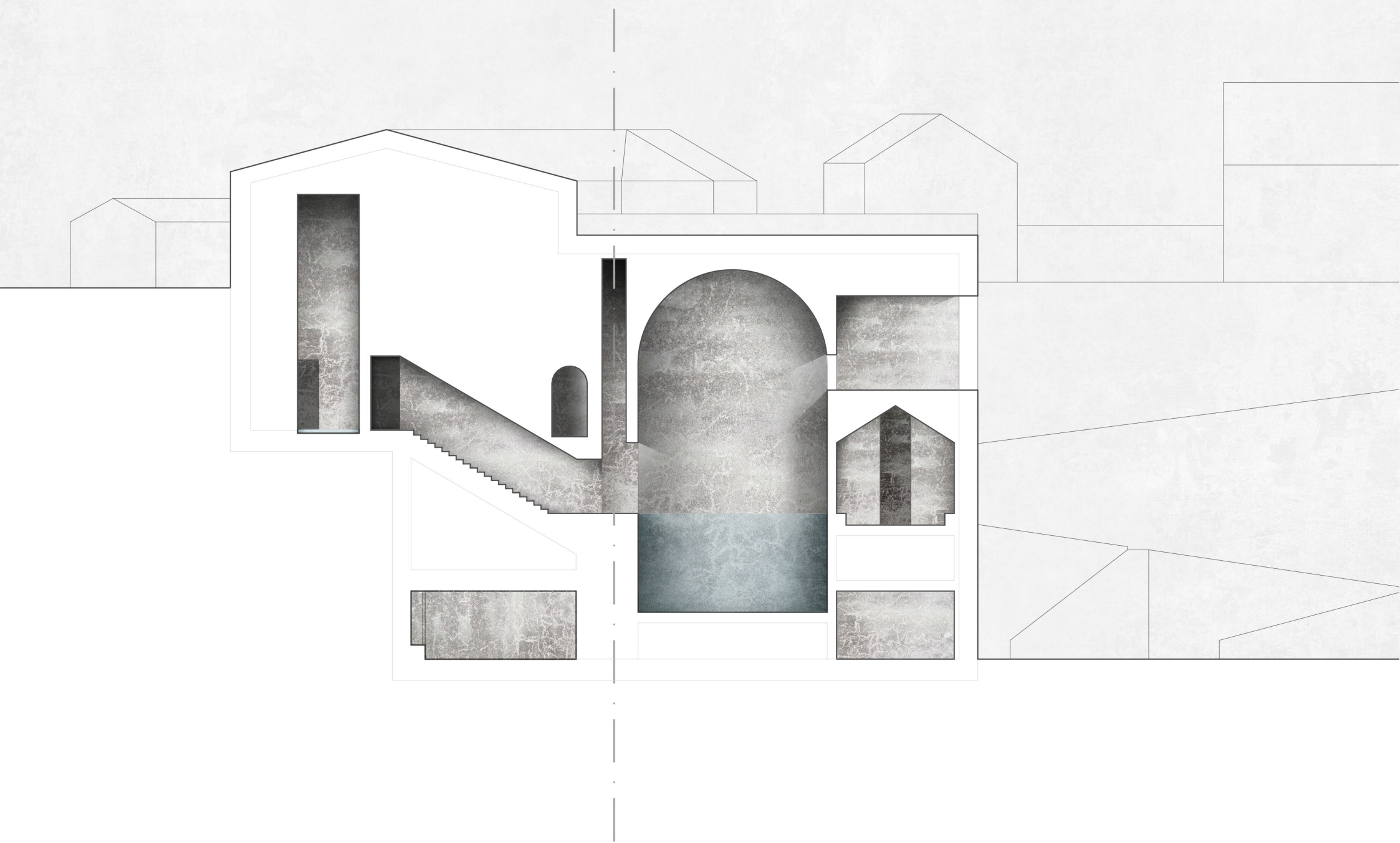


fig. 40 - Corte Longitudinal | 1:200

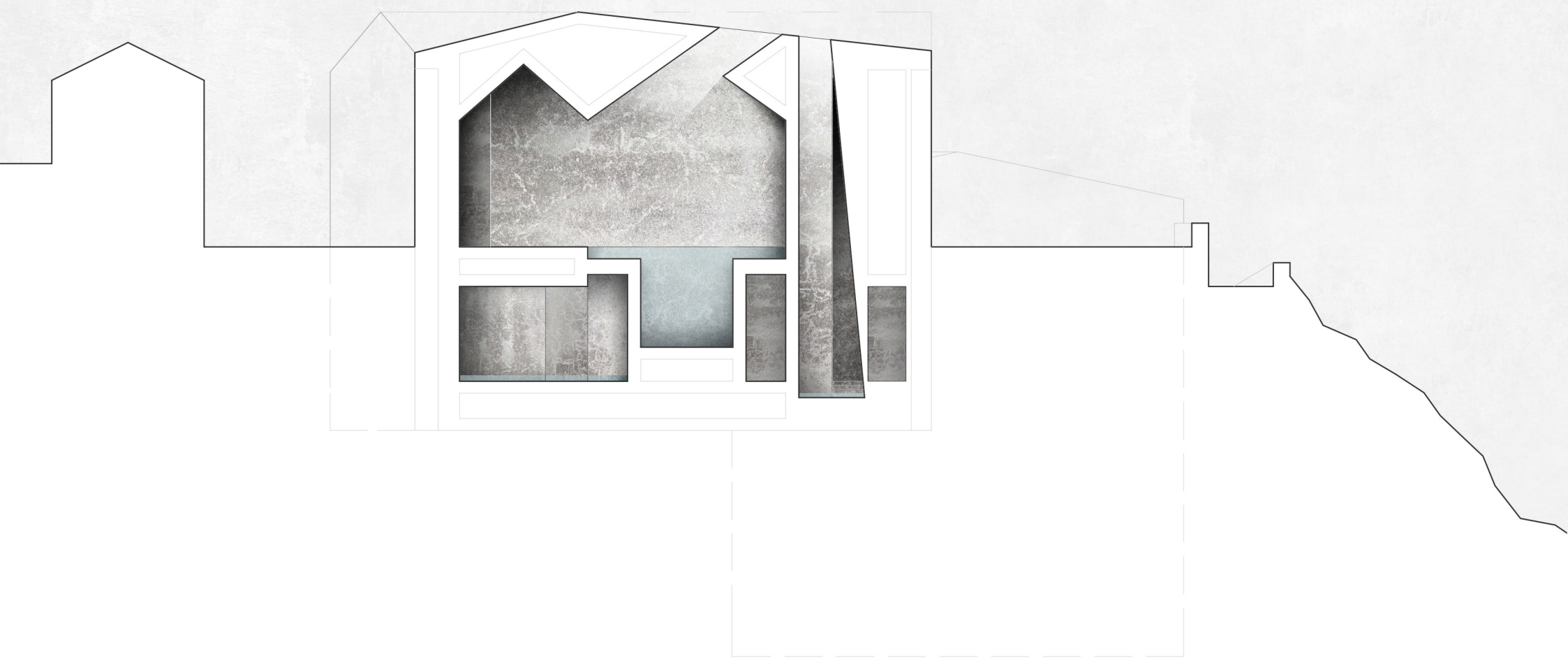


fig. 41 - Corte Transversal | 1:200

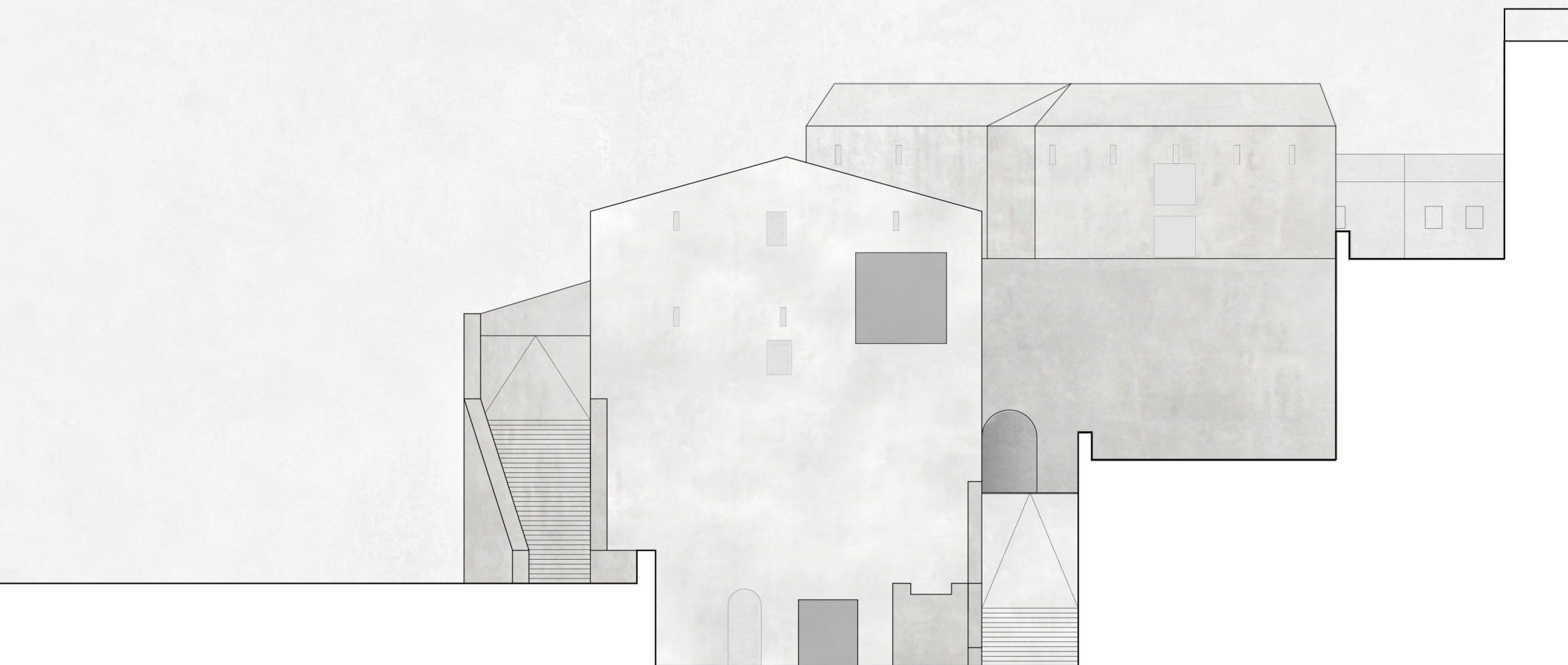
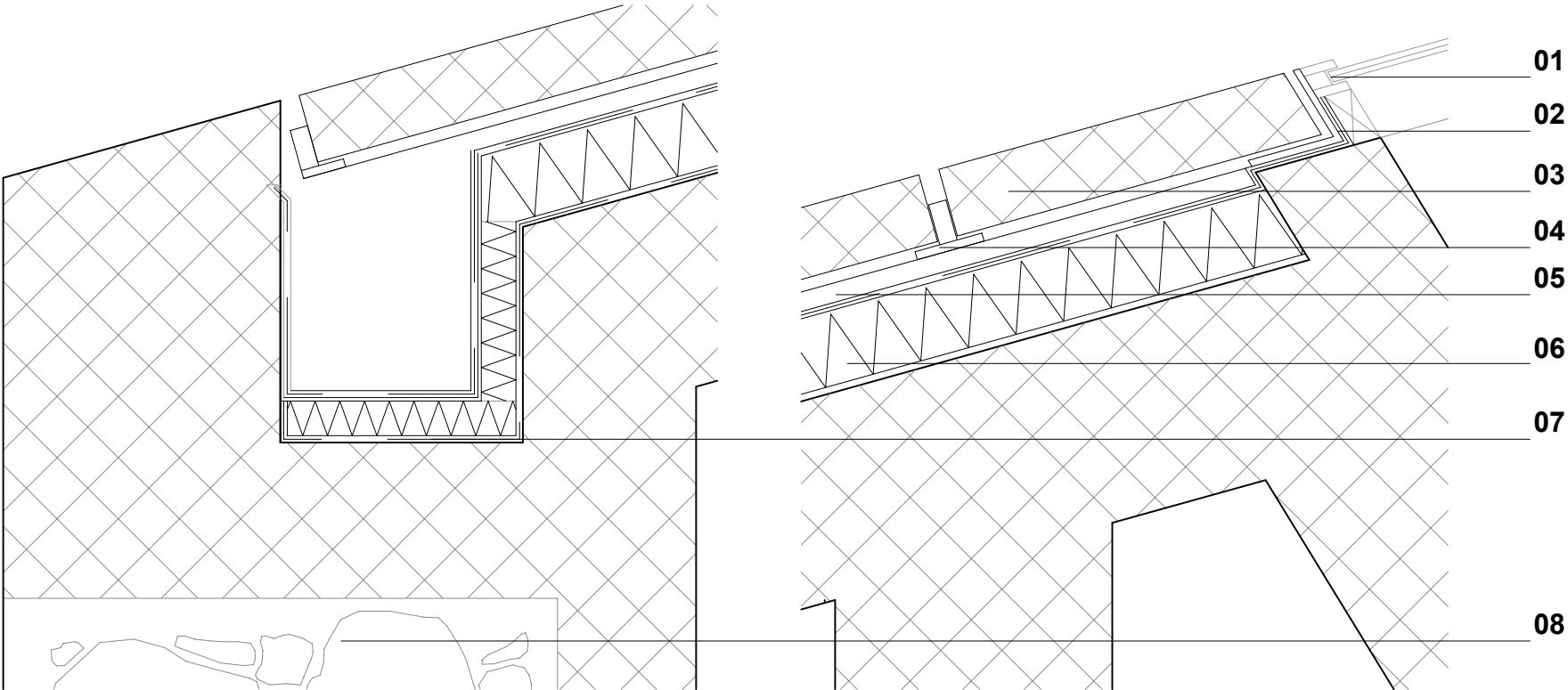


fig. 42 - Alçados Sul e Nascente | 1:200



Legenda:

- | | |
|--|--|
| 01- Caixilho fixo em alumínio com vidro duplo | 09-Lajetas de pavimento em pedra |
| 02- Perfil metálico em "L" | 10- Massame armado |
| 03- Lajetas de betão pré-fabricado | 11- Cúpulas de Plástico tipo "Cupolex" |
| 04- Peça metálica em "T" para fixação lajetas de betão | 12- Betão Estrutural |
| 05- Barreira de vapor | 13- Tubo de queda em pvc |
| 06- Isolamento térmico e acústico tipo XPS | 14- Grelha metálica de limpeza e drenagem |
| 07- Tela de impermeabilização | 15- Caleira periférica de escoamento de água |
| 08- Alvenaria Mista pré-existente | |

fig. 43 - Pormenores Construtivos | 1:10

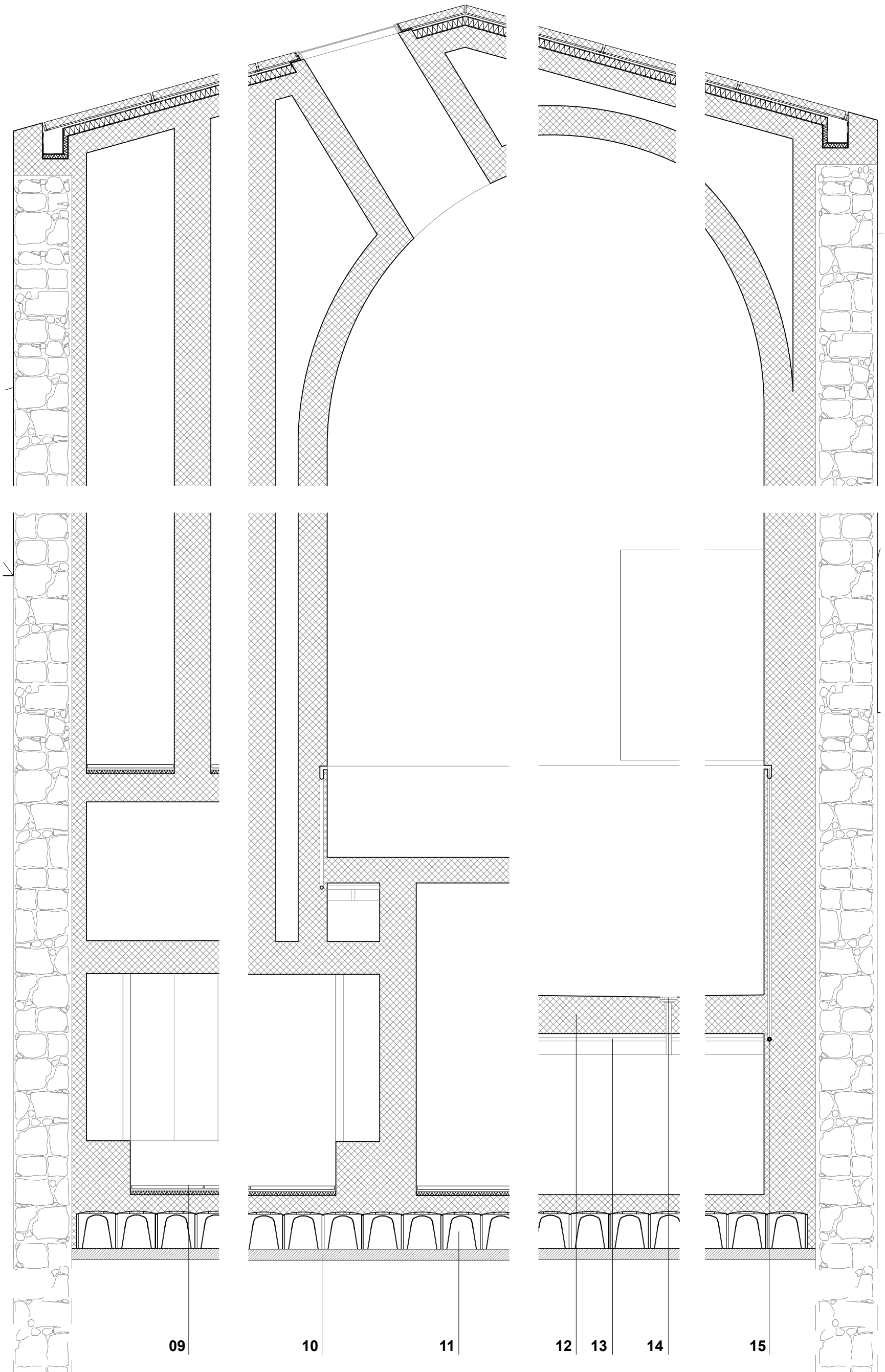


fig. 44 - Corte Construtivo | 1:50



fig. 45 - Vista Interior | Fotomontagem



fig. 46 - Vista Interior | Fotomontagem

Bibliografia

Campos, A., & Cardoso, A. B. (2010). Maria Delmira Ferreira, vizinha dos Banhos Quentes. (C. M. Sines, Ed.) Redes do Tempo (2), 4.

Choay, F. (2013). Alegoria do Património. (T. Castro, Trad.) Lisboa: Edições 70.

Fox, R. F. (1913). The Principles & Practice of Medical Hydrology. London: Hodder & Stoughton and Henry Frowde.

Gerhard, W. P. (1908). Modern Baths and Bath Houses. New York: John Wiley and Sons.

Gerhard, W. P. (1895). On Bathing and Different Forms of Baths. New York.

Giedion, S. (1970). Mechanization Takes Command (3rd printing ed.). New York: Oxford University Press.

Kosso, C., & Scott, A. (2009). The Nature and Function of Water, Baths, Bathing, and Hygiene from Antiquity through Renaissance. Leiden, Boston: Brill.

Lopes, F. L. (1850). Breve Notícia de Sines, pátria de Vasco da Gama. Lisboa: Typographia do Panorama.

Montague, M. W. (1746). Letters of the Right Honourable Lady. Aix.

Moore, C. W. (2001). You Have To Pay For The Public Life. (K. Keim, Ed.) Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

Ortigão, J. D. (1876). As praias de Portugal - Guia do Banhista e do Viajante. (M. & Moniz, Ed.) Porto: Livraria Universal.

Pereira, R. E., Campos, A., & Bruno, L. (2008). Ler a Paisagem: Um passeio por Sines, guiado pelos seus escritores. Sines: Câmara Municipal de Sines.

Quaresma, A. M. (2004). O turismo no litoral Alentejano - do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes (Revisão Outubro 2004 ed.). Vila Nova de Milfontes: Milfontes.net.

Rudofsky, B. (1964). Architecture Without Architects. New York: Museum of Modern Art.

Rudofsky, B. (1980). now I lay me down to eat. Garden City, New York: Anchor Press/ Doubleday.

Sines, A. M. (2017). Sines, História e Património, o Porto e o Mar Actas. Sines: Câmara Municipal de Sines.

Zumthor, P., & Robert, J. (2007). Peter Zumthor Therme Vals. Zurich: Verlag Scheidegger Sr Spiess AG.

Índice de Imagens

fig. 1 - A favourite custom - Sir Lawrence Alma-Tadema 1909.
Fonte: <https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/a-favourite-custom-by-alma-tadema-1909.jpg>

fig. 2 - No caldarium - Pedro Weingärtner. 1900.
Fonte: <https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/no-caldarium-pinto-do-por-pedro-weingartner-1900.jpg>

fig. 3 - La grande piscine à Brusa - Jean-Léon Gérôme 1885.
Fonte: <http://www.sothebys.com/en/auctions/ecatalogue/2004/19th-century-european-paintings-including-german-austrian-hungarian-slavic-paintings-the-orientalist-sale-and-the-scandinavian-sale-l04100/lot.112.html>

fig. 4 - Sultan's Bath - Autor desconhecido.
Fonte: Bernard Rudofsky - Now I lay me down to eat (1980)

fig. 5 - Le Bain Turc - Jean Auguste Dominique Ingres. 1862.
Fonte: https://fr.wikipedia.org/wiki/Le_Bain_turc#/media/File:Le_Bain_Turc,_by_Jean_Auguste_Dominique_Ingres,_from_C2RMF_retouched.jpg

fig. 6 - Califa *Al-Ma'um* e o barbeiro - Miniatura Persa 1548.
Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1a/Folio_from_a_Khamsa-a.jpg

fig. 7 - Le Bain - da coleção de seis tapeçarias Holandesas, “La vie Seigneuriale”.

fig. 8 - O interior de uns banhos Góticos. Valerius Maximus. 1475-80.
Fonte: https://nl.wikipedia.org/wiki/Factorum_ac_dictorum_memorabilium_libri_IX#/media/File:Bathhouse-Valerius_Maximus.png

fig. 9 - Monks in the bath -Pintura em papel de pergaminho
Fonte: http://img.over-blog-kiwi.com/0/55/18/81/20160626/ob_dc97e7_monks-in-the-bath-jensky-kod.jpg

fig. 10 - Bathing of Court Ladies in the 18th Century - François Flameng 1888
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fran%C3%A7ois_Flameng_-_Bathing_of_Court_Ladies_in_the_18th_Century,_1888.jpg

fig. 11 - Litografia. Bibliothèque des Arts Décoratifs. Paris. Coleção Maciet
Fonte: Bernard Rudofsky - Now I lay me down to eat (1980)

fig. 11 - Wooden tub for two - Fotografia - Dana Levi.
Fonte: Bernard Rudofsky - Now I lay me down to eat (1980)

fig. 12 - The *hookah* lighter - Jean-Léon Gérôme 1898
Fonte: <https://www.wikiart.org/en/jean-leon-gerome/the-hookah-lighter>

fig. 13 - Ilustração termas de Caracalla - Autor Desconhecido
Fonte: <https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/ilustracao-da-provavel-aparencia-termas-de-caracalla-roma.jpg>

fig. 14 - Corte Transversal termas de Caracalla
Fonte: <https://www.globalsecurity.org/jhtml/jframe.html#https://www.globalsecurity.org/military/world/spqr/images/spqr-bath-caracalla-image2.jpg||>

fig. 15 - Reconstrução Planta Termas de Caracalla, séc. XIX
Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/af/Caracalla-Grundriss2.jpg>

fig. 16 - *sıcaklık* do hamami Çemberlitas - Autor Desconhecido
Fonte: <http://www.cemberlitashamami.com/>

fig. 17 - Planta Hamami Çemberlitas - Heinrich Gluck. 1921

Fonte: http://dighist.fas.harvard.edu/courses/2015/HUM54/exhibits/show/fluctuating_cemberlitas_hamam/item/1312

fig. 18- Vista do espaço de água em primeiro plano - Daici Ano

Fonte: <https://divisare.com/projects/311111-kengo-kuma-associates-daici-ano-horai-onsen-bath-house>

fig. 19- Vista da chegada ao espaço de banho - Mitsumasa Fujitsuka

Fonte: <https://thespaces.com/2016/09/16/how-architects-are-reinventing-the-bath-house/2/>

fig. 20 - Desenho de implantação, planta de piso e cortes trasnversal e longitudinal

Fonte: <http://kkaa.co.jp/works/architecture/horai-onsen-bath-house/>

fig. 21 - Vista da piscina interior quente 32°C - Termas de Vals

Fonte: <http://unit03-metamorphosis.blogspot.pt/2012/12/peter-zumthor-therme-vals.html>

fig. 22 - Vista do acesso ao espaço de banhos- Termas de Vals. Fernando Guerra

Fonte: <https://www.archdaily.com/798360/peter-zumthors-therme-vals-through-the-lens-of-fernando-guerra>

fig. 23 - Vista interior - Termas de Vals. Fernando Guerra

Fonte: <https://www.archdaily.com/798360/peter-zumthors-therme-vals-through-the-lens-of-fernando-guerra>

fig. 24 - Planta dos espaços de banho - Termas de Vals

Fonte: <http://unit03-metamorphosis.blogspot.pt/2012/12/peter-zumthor-therme-vals.html>

fig. 25 - Vista interior - Termas de Vals. Hélène Binet. 2006

Fonte: <https://divisare.com/projects/273885-architekturburo-peter-zumthor-helene-binet-therme-vals>

fig.26 - Planta Territorial | escala 1:20 000

fig. 27 - Esquema sobre a evolução do núcleo urbano de Sines e a evolução da linha de costa

fig. 28 - Fotografia aérea do Cabo de Sines anterior ao aterros do porto Industrial.

Fonte: Imagem cedida pela coordenação do concurso de universidades da trienal de arquitectura para a cidade de Sines.

fig. 29 - Fotografia aérea posterior aos aterros do porto Industrial em Sines.

Fonte: Imagem cedida pela coordenação do concurso de universidades da trienal de arquitectura para a cidade de Sines.

fig. 30 - O antigo edifício dos Banhos Salinos Quentes de Sines - 1900

Fonte: Jornal Redes do Tempo, nº2

fig. 31 - Vista aérea dos armazéns da Ribeira de Sines. 1960

Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/-FeAUrZI-i-M/UkQRZK30Mil/AAAAAAAAADkk/XUy-zTt6oBIE/w1200-h630-p-k-no-nu/Sines+-+zona+ribeira.jpg>

fig. 32 - Ilustração baía de Sines - Autor desconhecido

Fonte: http://cabodesines.blogspot.pt/2013_09_15_archive.html

fig. 33 - A Calheta de Sines - Postal ilustrado inicio do séc. XX - Autor desconhecido

Fonte: Ricardo Estevam Pereira - Ler a Paisagem: Um passeio por Sines, guiado pelos seus escritores (Sines, 2008)

fig. 34 -Baía de Sines com vista para a calheta, antes do aterro dos anos 70

Fonte: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Imagem.aspx-?ID=1669676&Mode=M&Linha=1&Coluna=1>

fig. 35 - Vista da baía de Sines para a calheta após as primeiras obras e aterro. 1975

Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/-letj6xqL0aY/TzpstuGcnsI/AAAAAAAAAB-8/2EMT-kNU8xE/s1600/Ribeira+1975.jpg>

fig. 36 - Armazéns da Ribeira de Sines. Vista Sul - Norte 2018. Fotografia do autor

fig. 37 - Armazéns da Ribeira de Sines. Vista da rampa de acesso pela cota superior. 2018. Fotografia do autor

fig. 38 - Armazéns da Ribeira de Sines. A relação da cota da rua, com a cota de acesso ao edifício. Vista Nascente. 2018. Fotografia do autor

fig. 39 - Armazéns da Ribeira de Sines. Vista da rampa perimetral que liga a cota da rua de baixo, com a cota superior da escarpa. 2018. Fotografia do autor

fig. 35 - Planta de implantação | 1:500

fig. 36 - Planta cota +3,20 | 1:200

fig. 36 - Planta cota +3,20 | 1:200

fig. 38 - Planta cota +12,20 | 1:200

fig. 39 - Corte Transversal | 1:200

fig. 40 - Corte Longitudinal | 1:200

fig. 41 - Corte Transversal | 1:200

fig. 42 - Alçados Sul e Nascente | 1:200

fig. 43 - Pormenores Construtivos | 1:10

fig. 44 - Corte Construtivo | 1:50

fig. 45 - Vista Interior | Fotomontagem

fig. 46 - Vista Interior | Fotomontagem